

**UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

Julho de 2008



As Palavras São Pessoas com Sons que se Mexem no Papel:

O Ensino da Literatura no 2º ciclo – uma Experiência Prática

Vol. II

**Dissertação apresentada à Universidade da Beira Interior para obtenção do grau de Mestre
em Estudos Artísticos, Culturais, Linguísticos e Literários**

**Por
Ilda Maria Tadeu Salvado**

**Orientação
Professor Doutor Gabriel Augusto Coelho Magalhães**

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I – CONTOS

Conto 1.1 – As Mãos de Prata (José Gomes Ferreira)

Conto 1.2 – A Aia (Eça de Queirós)

Conto 1.3 – O Tesouro (Eça de Queirós)

Conto 1.4 – Civilização (Eça de Queirós)

ANEXO II – IMAGENS

2.1 – Mãos

2.2 – O Pôr-do-sol em África (Sónia Nunes)

2.3 – Imagens de Escher

ANEXO III – PRODUÇÕES DOS ALUNOS

3.1 – Textos elaborados a partir de “As Mãos de Prata”, José Gomes Ferreira

3.2 – Textos elaborados a partir de “Carta da Infância”, Carlos de Oliveira

3.3 – Textos elaborados a partir de “Algumas proposições com pássaros e árvores ...”, Ruy Belo

3.4 – Textos elaborados a partir de “Barca bela”, Almeida Garrett

3.5 – Textos elaborados a partir de “Ai flores, ai flores do verde pino”, D. Dinis

3.6 – Textos elaborados a partir de “Namoro”, Viriato da Cruz

3.7 - Textos elaborados a partir de “O Tesouro”, Eça de Queirós

3.8 – Textos elaborados a partir de “Civilização”, Eça de Queirós

3.9 – “Vocabulário em contexto”

3.10 – Textos elaborados a partir de “Cantigas”, Luís Vaz de Camões

3.11 - Textos elaborados a partir de “Isto”, Fernando Pessoa

3.12 – Textos elaborados a partir de “Ode Triunfal”, Álvaro de Campos

3.13 – Textos de produção voluntária

3.14 – Gravação da cantiga: “**Ai flores, ai flores do verde pino**” (D. Dinis)

ANEXO I – CONTOS

Conto 1.1 – As Mãos de Prata (José Gomes Ferreira)

Desde a minha mudança para esta zona vizinha de ciganos e barracas de madeira, que aquêle se pertence à minha «coleção dos remorsos» — museu vivo de pessoas infelizes que trago sempre na memória para, de vez em quando, me lembrar da desgraça do mundo (não sei bem para quê). Mas a verdade é que, para viver alegre e feliz, sinto necessidade desta obrigação de untar de fel cada sorriso que me vem à boca.

Estou neste momento a referir-me ao mocito de perfil ranhoso e dois tubos ferrugentos a servirem de pernas que, às corridinhas descalças, não largava as saias da mãe, uma mulher debruada de porcaria que, todas as manhãs, antes de chegar a carroça do lixo, remexia nos caixotes já muito esgaravataados pelos cães nocturnos.

Nesse garoto, que a inúndicie tornava, por assim dizer, mais inócua, impressionavam-me sobretudo as mãos que me estendia a pedir esmola. Duas mãos belas, estreitas, de longos dedos de prata transparente, colados a uns bracitos peludamente sujos de animal condensado ao trabalho do suor sem gozo. Mãos aristocráticas, em suma.

— De fidalgo! — como lhe berrava a mãe furiosa contra ninguém. — Eu dou-te a fidalguia, meu malandro!

— Porque não o manda para a escola? — ouvi eu um dia alguém perguntar-lhe, de passagem (como sabem, só conheço a desgraça e a miséria de raspão. De ouvido).

— Escola? O que ele precisa é de fossar! De um officio! — respondia a mãe com teima quezilhenta. — Não sustento calões!

E, como pude verificar pela vida fora, não desistiu desse intento porque, durante anos e anos de espionagem, acompanhei o itinerário do garoto aos tombo de officio em officio. Que me lembre, vendeu castanhas, carregou cestos de marçano e até o lobriguei, de bata encardida de aprendiz, muito perfilado na barbearia do bairro, a estudar com indiferença atenta os manejos da navalha vaidosa de um mestre-escama (por pouco tempo, creio-o bem). Mas sempre canhestro e desajeitado, as mãos cada vez mais esguias, de leveza longa, a contrastarem com o corpo grosseiro: cabeçorra de cabelos hirtos de tanta sujidade, testa curta, olhos estúpidos, nariz de bicanca...

Bem. Não esperem agora que vá ficar para aqui a relatar miudamente a vida desse rapaz (em grande parte apenas adivinhada ou deduzida), que lá foi vegetando aos baldões indecisos enquanto a mãe irada teve forças para o arrastar, a tabefe, de officio em officio. Sapateiro, marceneiro, ajudante de trolha, alfaiate, assentador de fundos de cadeiras, sei lá! Tudo em vão. O pobre moço nascera com destino de operário de última escala (nunca poderia ser outra coisa na vida!), mas, por qualquer fatalidade nervosa de inibição trágica, as mãos recusavam-se a «ter jeito» e a ajudá-lo a seguir o rumo social que lhe pertencia por injustiça de nascer. Até que, em certa tardinha desamparada, o encontrei sozinho no meio da rua, com uma braçadeira de luto. (Morrreu-lhe a mãe — pensei, estremecido de horror. — Que vai ser dele?)

Mas não levei mais de dois minutos a esquecer-me da tragédia. (Estava bem arranjado se soffresse tanto como devia!) E, durante meses e meses, não tornei a pôr-lhe os olhos em cima. Provavelmente, expulsaram-no da barraca de lata onde vivia com a mãe, mudou de bairro e agora anda por aí — coitado! — ao deus-não-dará!

Isso sim! Respirava mais perto de mim do que eu supunha. Porque antes de ontem voltou a entrar na minha vida. Ou, com mais precisão: em minha casa — enviado por uma officina a que recorri para me colorem um espelho no quarto de banho. E ele ali estava agora no corredor, às minhas ordens. Com um sorriso pingão e a caixa de lata do officio a tiracolo.

Bons dias. Venho da parte de... «Sim, senhor. Entre.» Olhei-lhe para as mãos. Iguais. Mantinham a mesma delicadeza monstruosa de nascença. Mãos de prata macia.

Finjimos que não nos conhecíamos, para tudo começar naturalmente, e conduzi-o ao quarto de banho.

O espelho é este e aqui tem as buchas. Modernas. De plástico. Etc. Etc.

E com o coração esfriado de angústia voltei a sentar-me à mesa de trabalho, a ouvir na rádio uma sinfonia de Mahler (o estranho compositor do «banal encantado»), enquanto o instalador do espelho se punha a martelar, a princípio com certo à-vontade que me estarreceu. Mas em breve tudo degenerou numa salada de ruídos insólitos quase angustiosos, de mistura metálica com sons de escopro e aflicção de pedras e estuques escaqueirados, ao som da marcha fúnebre da sinfonia de Mahler (*a Titã*) cada vez mais funesta e terrível.

Santo Deus! Que se passava lá dentro? E se eu fosse espreitar? Mas consegui resistir à tentação enquanto não me chegou aos ouvidos o estardalhaço violento de um espécie de apoteose tilintada de mil voos de vidro. A que se seguiu um silêncio, por assim dizer, opaco.

Corri então, alucinado, escancarci a porta e o triste infeliz ali estava, pálido, os olhos a escoregarem-lhe da cara para a catástrofe do espelho estilhaçado no solo — as mãos caídas ao longo do corpo, belas, sangrentas, inúteis, implorantes, vazias...

Mal me viu, sentou-se na borda da banheira e desatou a chorar.

Conto 1.2 – A Aia (Eça de Queirós)

ERA uma vez um rei, moço e valente, senhor de um reino abundante em cidades e searas, que partira a batalhar por terras distantes, deixando solitária e triste a sua rainha e um filhinho, que ainda vivia no seu berço, dentro das suas faixas.

A Lua cheia que o vira marchar, levado no seu sonho de conquista e de fama, começava a minguar — quando um dos seus cavaleiros appareceu, com as armas rotas, negro do sangue seco e do pó dos caminhos, trazendo a amarga nova de uma batalha perdida e da morte do rei, trespassado por sete lanças entre o flor da sua nobreza, à beira de um grande rio.

A rainha chorou magnificamente o rei. Chorou ainda desoladamente o esposo, que era formoso e alegre. Mas, sobretudo, chora ansiosamente o pai que assim deixava o filhinho desamparado, no meio de tantos inimigos da sua frágil vida e do reino que seria seu, sem um braço que o defendesse, forte peia força e forte pelo amor.

Desses inimigos o mais temeroso era seu tio, irmão bastardo do rei, homem depravado e bravo, consumido de cobiças grosseiras, desejando só a realceza por causa dos seus tesouros, e que havia anos vivia num castelo sobre os montes, com uma horda de rebeldes, à maneira de um lobo que, entre a sua atalaia, espera a presa. Ali a presa agora era aquella criancinha, rei de mama, senhor de tantas provincias, e que dormia no seu berço com o seu guizo de ouro fechado na mão!

Ao lado dele, outro menino dormia noutro berço. Mas este era um escravozinho, filho da bela e robusta escrava que amamentava o príncipe. Ambos tinham nascido na mesma noite de Verão. O mesmo seio os criava. Quando a rainha, antes de adormecer, vinha beijar o príncipezinho, que tinha o cabelo louro e fino, beijava também por amor dele o escravozinho, que tinha o cabelo negro e crespo. Os olhos de ambos reluziam como pedras preciosas. Somente o berço de um era magnífico e de marfim entre brocados — e o berço do outro pobre e de verga. A leal escrava, porém, a ambos cercava de carinho igual, porque se um era o seu filho — o outro seria o seu rei.

Nascida naquela casa real, ela tinha a paixão, a religião dos seus senhores. Nenhum pranto corria mais sentidamente do que o seu pelo rei morto à beira do grande rio. Pertencia, porém, a uma raça que acredita que a vida da Terra se continua no Céu. O rei seu amo, decerto, já estaria agora reinando num outro reino, para além das nuvens, abundante também em searas e cidades. O seu cavalo de batalha, as suas armas, os seus pajens tinham subido com ele às alturas. Os seus vassallos, que fossem morrendo, prontamente iriam nesse reino celeste retomar em torno dele a sua vassalagem. E ela um dia, por seu turno, remontaria num ralo de luz a habitar o palácio do seu senhor, e a fiar de novo o linho das suas túnicas, e a acender de novo a caçoleta dos seus perfumes; seria no Céu como fora na Terra, e feliz na sua servidão.

Todavia também ela tremia pelo seu príncipezinho! Quantas vezes, com ele pendurado do peito, pensava na sua fragilidade, na sua longa infância, nos anos lentos que correriam antes que ele fosse ao menos do tamanho de uma espada, e naquele tio cruel, de face mais escura que a noite e coração mais escuro que a face, faminto do trono, e espreitando de cima do seu rochedo entre os alfanges da sua horda! Pobre príncipezinho de sua alma! Com uma ternura maior o apearava então nos braços. Mas se o seu filho chalhava ao lado —

era para ele que os seus braços corriam com um ardor mais feliz. Esse, na sua indignância, nada tinha a recear da vida. Desgraças, assaltos da sorte má nunca o poderiam deixar mais despedido das glórias e bens do mundo do que já estava ali no seu berço, sob o pedaço de linho branco que resguardava a sua nudez. A existência, na verdade, era para ele mais preciosa e digna de ser conservada que a do seu príncipe, porque nenhum dos duros cuidados com que ela enegrece a alma dos senhores roçaria sequer a sua alma livre e simples de escravo. E, como se o amasse mais por aquela humildade ditosa, cobria o seu corpinho gordo de beijos pesados e devoradores — dos beijos que ela fazia ligeiros sobre as mãos do seu príncipe.

No entanto um grande temor enchia o palácio, onde agora reinava uma mulher entre mulheres. O bastardo, o homem de rapina que errava no cimo das serras, descera à planície com a sua horda, e já através de casais e aldeias felizes ia deixando um sulco de matança e ruínas. As portas da cidade tinham sido seguras com cadeias mais fortes. Nas atalaias ardiam lumes mais altos. Mas à defesa faltava disciplina viril. Uma roca não governa como uma espada. Toda a nobreza fiel perecera na grande batalha. E a rainha desventurosa apenas sabia correr a cada instante ao berço do seu filhinho e chorar sobre ele a sua fraqueza de viúva. Só a ama leal parecia segura — como se os braços em que estreitava o seu príncipe fossem muralhas de uma cidadela que nenhuma audácia pode transpor.

Ora uma noite, noite de silêncio e de escuridão, indo ela a adormecer, já despida, no seu catre, entre os seus dois meninos, adivinhou, mais que sentiu, um curto rumor de ferro e de briga, longe, à entrada dos vergéis reais. Embrulhada à pressa num pano, atirando os cabelos para trás, escutou ansiosamente. Na terra areada, entre os jasmimões, corriam passos pesados e rudes. Depois houve um gemido, um corpo tombando molemente, sobre lajes, como um fardo. Descerrou violentamente a cortina. E além, ao fundo da galeria, avistou homens, um clarão de lanternas, brilhos de armas... Num relance tudo com-

preendeu — o palácio surpreendido, o bastardo cruel vindo roubar, matar o seu príncipe! Então, rapidamente, sem uma vacilação, uma dúvida, arrebatao o príncipe do seu berço de marfim, atirou-o para o pobre berço de verga — e tirando o seu filho do berço servil, entre beijos desesperados, deitou-o no berço real, que cobriu com um brocado.

Bruscamente um homem enorme, de face flamejante, com um manto negro sobre a cota de malha, surgiu à porta da câmara, entre outros, que erguiam lanternas. Olhou — correu ao berço de marfim onde os brocados luziam, arrancou a criança, como se arranca uma bolsa de ouro, e, abafando os seus gritos no manto, abalou furiosamente.

O príncipe dormia no seu novo berço. A ama ficara imóvel no silêncio e na treva.

Mas brados de alarme de repente atroaram o palácio. Pelas vidraças perpassou o longo flamejar das tochas. Os pátios ressoavam com o bater das armas. E desgrehada, quase nua, a rainha invadiu a câmara, entre as aias, gritando pelo seu filho. Ao avistar o berço de marfim, com as roupas desmanchadas, vazio, caiu sobre as lajes, num choro, despedaçada. Então calada, muito lenta, muito pálida, a ama descobriu o pobre berço de verga... O príncipe lá estava, quieto, adormecido, num sonho que o fazia sorrir, lhe iluminava toda a face entre os seus cabelos de ouro. A mãe caiu sobre o berço, com um suspiro, como cai um corpo morto.

E nesse instante um novo clamor abalou a galeria de mármore. Era o capitão das guardas, a sua gente fiel. Nos seus clamores havia, porém, mais tristeza que triunfo. O bastardo morrera! Colhido, ao fugir, entre o palácio e a cidadela, esmagado pela forte legião de archeiros, sucumbira, ele e vinte da sua horda. O seu corpo lá ficara, com flechas no flanco, numa poça de sangue. Mas aíl dor sem nome! O corpozinho tenro do príncipe lá ficara também, envolto num manto, já frio, roxo ainda das mãos ferozes que o tinham esganado!... Assim tumultuosamente lançavam a nova cruel os homens de armas — quando

a rainha, deslumbrada, com lágrimas entre risos, ergueu nos braços, para lho mostrar, o príncipe que despertara.

Foi um espanto, uma aclamação. Quem o salvara? Quem?... Lá estava junto do berço de marfim vazio, muda e hirta, aquela que o salvara! Serva sublimemente leal! Fora ela que, para conservar a vida ao seu príncipe, mandara à morte o seu filho... Então, só então, a mãe ditosa, emergindo da sua alegria extática, abraçou apaixonadamente a mãe dolorosa, e a beijou, e lhe chamou irmã do seu coração... E de entre aquela multidão que se apertava na galeria veio uma nova, ardente aclamação, com súplicas de que fosse recompensada, magnificamente, a serva admirável que salvara o rei e o reino.

Mas como? Que bolsas de ouro podem pagar um filho? Então um velho de casta nobre lembrou que ela fosse levada ao tesouro real, e escolhesse de entre essas riquezas, que eram as maiores da Índia, todas as que o seu desejo apetece-se...

A rainha tomou a mão da serva. E sem que a sua face de mármore perdesse a rigidez, com um andar de morta, como num sonho, ela foi assim conduzida para a câmara dos tesouros. Senhores, aias, homens de armas, seguiam num respeito tão comovido que apenas se ouvia o roçar das sandálias nas lajes. As espessas portas do tesouro rolaram lentamente. E, quando um servo destrancou as janelas, a luz da madrugada, já clara e rósea, entrando pelos gradeamentos de ferro, acendeu um maravilhoso e faiscante incêndio de ouro e pedrarias! Do chão de rocha (!) até às sombrias abóbadas, por toda a câmara, reluziam, cintilavam, refulgiam os escudos de ouro, as armas marchetadas, os montões de diamantes, as pilhas de moedas, os longos fios de pérolas, todas as riquezas daquele reino, acumuladas por cem reis durante vinte séculos. Um longo «Ah!», lento e maravilhado, passou por sobre a turba que emudecera. Depois houve um silêncio, ansioso. E no meio da câmara, envolta na refulgência preciosa, a ama não se movia...

(1) Feita o resto do jornal que serve de texto-base.

Apenas os seus olhos, brilhantes e secos, se tinham erguido para aquele céu que, além das grades, se tingia de rosa e de ouro. Era lá, nesse céu fresco de madrugada, que estava agora o seu menino. Estava lá, e já o Sol se erguia, e era tarde, e o seu menino chorava decerto, e procurava o seu peito!... Então a ama sorriu e estendeu a mão. Todos seguiam, sem respirar, aquele lento mover da sua mão aberta. Que jóia maravilhosa, que fio de diamantes, que punhado de rubis, ia ela escolher?

A ama estendia a mão — e sobre um escabelo ao lado, entre um molho de armas, agairrou um punhal. Era um punhal de um velho rei, todo cravejado de esmeraldas, e que valia uma província.

Agarrara o punhal, e com ele apertado fortemente na mão, apontando para o céu, onde subiam os primeiros raios do Sol, encarou a rainha, a multidão, e gritou:

— Salvei o meu príncipe — e agora vou dar de mamar ao meu filho!

E cravou o punhal no coração.

Conto 1.3 – O Tesouro (Eça de Queirós)

Os três irmãos de Medranhos, Rui, Guanes e Rostabal, eram então, em todo o Reino das Astúrias, os fidalgos mais famintos e os mais remendados.

Nos Paços de Medranhos, a que o vento da serra levava vidraça e telha, passavam eles as tardes desse Inverno, engelhados nos seus pelotes de camião, batendo as solas rotas sobre as lajes da cozinha, diante da vasta lareira negra, onde desde muito não estalava lume, nem fervia a panela de ferro. Ao escurecer devoravam uma côdea de pão negro, esfregada com alho. Depois, sem candeia, através do pátio, fendendo a neve, iam dormir à estrebaria, para aproveitar o calor das três águas lazarentas que, esfaimadas como eles, roíam as traves da manjedoura. E a miséria tornara estes senhores mais bravios que lobos.

Ora, na Primavera, por uma silenciosa manhã de domingo, andando todos três na mata de Roquelanes a espiar pegadas de caça e a apanhar tortulhos entre os robles, enquanto as três águas pastavam a relva nova de Abril — os irmãos de Medranhos encontraram, por trás de uma moita de espinheiros, numa cova de rocha, um velho cofre de ferro. Como se o resguardasse uma torre segura, conservava as suas três chaves nas suas três fechaduras. Sobre a tampa, mal decifrável através da fer-

rugem, corria um dístico em letras árabes. E dentro, até às bordas, estava cheio de dobrões de ouro!

No terror e esplendor da emoção, os três senhores ficaram mais lívidos do que círios. Depois, mergulhando furiosamente as mãos no ouro, estalaram a rir, num riso de tão larga rajada que as folhas tenras dos olmos, em roda, tremiam... E de novo recuaram, bruscamente se encararam, com os olhos a flamejar, numa desconfiança tão desabrida que Guanes e Rostabal apalpavam nos cintos os cabos das grandes facas. Então Rui, que era gordo e ruivo, e o mais avisado, ergueu os braços, como um árbitro, e começou por decidir que o tesouro, ou viesse de Deus ou do Demónio, pertencia aos três, e entre eles se repartiria, rigidamente, pesando-se o ouro em balanças. Mas como poderiam carregar para Medranhos, para os cimos da serra, aquele cofre tão cheio? Nem convinha que saíssem da mata com o seu bem, antes de cerrar a escuridão. Por isso ele entendia que o mano Guanes, como mais leve, devia trotar para a vila vizinha de Retortilho, levando já ouro na bolsilha, a comprar três alforjes de couro, três maquias de cevada, três empadões de carne e três botelhas de vinho. Vinho e carne eram para eles, que não comiam desde a véspera: a cevada era para as éguas. E assim refeitos, senhores e cavalgaduras, ensacariam o ouro nos alforjes e subiriam para Medranhos, sob a segurança da noite sem lua.

— Bem tramado! — gritou Rostabal, homem mais alto que um pinheiro, de longa guedelha, e com uma barba que lhe caía desde os olhos raiados de sangue até à fivela do cinturão.

Mas Guanes não se arredava do cofre, enrugado, desconfiado, puxando entre os dedos a pele negra do seu pescoço de grou. Por fim, brutalmente:

— Manos! O cofre tem três chaves... Eu quero fechar a minha fechadura e levar a minha chave!

— Também eu quero a minha, mil raios! — rugiu logo Rostabal.

Rui sorriu. Decerto! A cada dono do ouro cabia

uma das chaves que o guardavam. E cada um em silêncio, agachado ante o cofre, cerrou a sua fechadura com força. Imediatamente Guanes, desanuviado, saltou na égua, meteu pela vereda de olmos, a caminho de Retortilho, atirando aos ramos a sua cantiga costumada e dolente:

Oiét Oiét

Sale la cruz de la iglesia,

Vestida de negro luto...

II

Na clareira, em frente à moita que encobria o tesouro (e que os três tinham desbastado a cutiladas) um fio de água, brotando entre rochas, caía sobre uma vasta laje escavada, onde fazia como um tanque, claro e quieto, antes de se escoar para as relvas altas. E ao lado, na sombra de uma faia, jazia um velho pilar de granito, tombado e musgoso. Ali vieram sentar-se Rui e Rostabal, com os seus tremendos espaldões entre os joelhos. As duas éguas retouçavam a boa erva pintalgada de papoulas e botões-de-ouro. Pela ramaria andava um melro a assobiar. Um cheiro errante de violetas adoçava o ar luminoso. E Rostabal, olhando o Sol, bocejava com fome.

Então Rui, que tirara o *sombrero* e lhe cofiava as velhas plumas roxas, começou a considerar, na sua fala avisada e mansa, que Guanes, nessa manhã, não quisesa descer com eles à mata de Roquelanes. E assim era a sorte ruim! Pois que se Guanes tivesse quedado em Medranhos, só eles dois teriam descoberto o cofre, e só entre eles dois se dividiria o ouro! Grande pena! Tanto mais que a parte de Guanes seria em breve dissipada, com rufiões, aos dados, pelas tavernas.

— Ah! Rostabal, Rostabal! Se Guanes, passando aqui sôzi-

nho, tivesse achado este ouro, não dividia connosco, Rostabal!
O outro rosnou surdamente e com furor, dando um puxão às barbas negras:

— Não, mil raios! Guanes é sófrego... Quando o ano passado, se te lembrás, ganhou os cem ducados ao espadeiro de Fresno, nem me quis emprestar três para eu comprar um gibão novo!

— Vês tu? — gritou Rui, resplandecendo.

Ambos se tinham erguido do pilar de granito, como levados pela mesma ideia, que os deslumbrava. E, através das suas largas passadas, as ervas altas silvavam.

— E para quê — prosseguia Rui. — Para que lhe serve todo o ouro que nos leva? Tu não o ouves, de noite, como tosse? Ao redor da palha em que dorme, todo o chão está negro do sangue que escarra! Não dura até às outras neves, Rostabal! Mas até lá terá dissipado os bons dobrões que deviam ser nossos, para levantarmos a nossa casa, e para tu teres ginetes, e armas, e trajas nobres, e o teu terço de solarengos, como compete a quem é, como tu, o mais velho dos de Medranhos...

— Pois que morra, e morra hoje! — bradou Rostabal.

— Queres?

Vivamente, Rui agarrara o braço do irmão e apontava para a vereda de olmos, por onde Guanes partira cantando:

— Logo adiante, ao fim do trilho, há um sitio bom, nos silvados. E há-de ser tu, Rostabal, que és o mais forte e o mais destro. Um golpe de ponta pelas costas. E é justiça de Deus que sejas tu, que muitas vezes, nas tavernas, sem pudor, Guanes te tratava de «cerdo» e de «torpe», por não saberes a letra nem os números.

— Malvado!

— Vem!

Foram. Ambos se emboscaram por trás de um silvado que dominava o atalho, estreito e pedregoso como um leitão de torrente. Rostabal, assolapado na valla, tinha já a espada nua. Um vento leve arrepiou na encosta as folhas dos álamos — e

sentiram o repique leve dos sinos de Retortilho. Rui, coçando a barba, calculava as horas pelo Sol, que já se inclinava para as serras. Um bando de corvos passou sobre eles, granando. E Rostabal, que lhes seguira o voo, recommençou a bocejar, com fome, pensando nos empadões e no vinho que o outro trazia nos alforjes.

Enfim! Alerta! Era, na vereda, a cantiga dolente e rouca, atirada aos ramos:

Olé! Olé!

*Sale la cruz de la iglesia,
Toda vestida de negro...*

Rui murmurou: — Na ilharga! Mal que passe! — O chouto da água bateu o cascalho, uma pluma num *sombreiro* vermelejou por sobre a ponta das silvas.

Rostabal rompeu de entre a sarça por uma brecha, atirou o braço, a longa espada — e toda a lâmina se embebeu molemente na ilharga de Guanes, quando ao rumor, bruscamente, ele se virara na sela. Com um surdo arranco, tombou de lado, sobre as pedras. Já Rui se arremessava aos freios da água

— Rostabal, caindo sobre Guanes, que arquejava, de novo lhe mergulhou a espada, agarrada pela folha como um punhal, no peito e na garganta.

— A chave! — gritou Rui.

E arrancada a chave do cofre ao seio do morto, ambos largaram pela vereda — Rostabal adiante, fugindo, com a pluma do *sombreiro* quebrada e torta, a espada ainda nua entalada sob o braço, todo encolhido, arrepiado com o sabor do sangue que lhe espirrara para a boca; Rui, atrás, puxava desesperadamente os freios da água, que, de patas fincadas no chão pedregoso, arraganhando a longa denteuça amarela, não queria deixar o seu amo assim estirado, abandonado, ao comprido das sebes.

Teve de lhe espicaçar as ancas lazarentas com a ponta da espada — e foi correndo sobre ela, de lâmina alta, como se

perseguisse um mouro, que desembocou na clareira onde o sol já não dourava as folhas. Rostabal arremessara para a relva o *sombrero* e a espada; e debruçado sobre a laje escavada em tanque, de mangas arregaçadas, lavava, ruidosamente, a face e as barbas.

A égua, quieta, recomeçou a pastar, carregada com os alforjes novos que Guanes comprara em Retortilho. Do mais largo, abarrotado, surdiam dois gargalos de garrafas. Então Rui tirou, lentamente, do cinto, a sua larga navalha. Sem um rumor na relva espessa, deslizou até Rostabal, que resfolegava, com as longas barbas pingando. E serenamente, como se pregasse uma estaca num canteiro, enterrou a folha toda no largo dorso dobrado, certa sobre o coração.

Rostabal caiu sobre o tanque, sem um gemido, com a face na água, os longos cabelos flutuando na água. A sua velha escarcela de couro ficara entalada sob a coxa. Para tirar de dentro a terceira chave do cofre, Rui solevou o corpo — e um sangue mais grosso jorrou, correu pela borda do tanque, fumegando.

III

Agora eram dele, só dele, as três chaves do cofre!... E Rui, alargando os braços, respirou deliciosamente. Mal a noite descesse, com o ouro metido nos alforjes, guiando a fila das águas pelos trilhos da serra, subiria a Medranhos e enterraria na adega o seu tesouro! E quando ali na fonte, e além rente aos silvados, só restassem, sob as neves de Dezembro, alguns ossos sem nome, ele seria o magnífico senhor de Medranhos, e na capela nova do solar renascido mandaria dizer missas ricas pelos seus dois irmãos mortos... Mortos como? Como devem morrer os de Medranhos — a pelear contra o Turco!

Abriu as três fechaduras, apanhou um punhado de dobrões, que fez retinir sobre as pedras. Que puro ouro, de fino quilate! E era o seu ouro! Depois foi examinar a capacidade dos alforjes — e encontrando as duas garrafas de vinho, e um gordó capão assado, sentiu uma imensa fome. Desde a véspera só comera uma lasca de peixe seco. E há quanto tempo não provava capão!

Com que delícia se sentou na relva, com as pernas abertas, e entre elas a ave loura, que rescendia, e o vinho cor de âmbar! Ah! Guanes fora bom mordomo — nem esquecerá azeitonas. Mas porque trouxera ele, para três convivas, só duas garrafas? Raggou uma asa do capão: devorava a grandes dentadas. A tarde descia, pensativa e doce, com nuvenzinhas cor-de-rosa. Para além, na vereda, um bando de corvos grasnava. As águas fartas dormitavam, com o focinho pendido. E a fonte cantava, lavando o morto.

Rui ergueu à luz a garrafa de vinho. Com aquela cor velha e quente, não teria custado menos de três maravedis. E pondo o gargalo à boca, bebeu em sorvos lentos, que lhe faziam ondular o pescoço peludo. Oh vinho bendito, que tão prontamente aquecia o sangue! Atirou a garrafa vazia — destapou outra. Mas, como era avisado, não bebeu, porque a jornada para a serra, com o tesouro, requeria firmeza e acerto. Estendido sobre o cotovelo, descansando, pensava em Medranhos coberto de telha nova, nas altas chamas da lareira por noites de neve, e o seu leito com brocados, onde teria sempre mulheres.

De repente, tomado de uma ansiedade, teve pressa de carregar os alforjes. Já entre os troncos a sombra se adensava. Puxou uma das águas para junto do cofre, ergueu a tampa, tomou um punhado de ouro... Mas escilou, largando os dobrões, que retilintaram no chão, e levou as duas mãos aflitas ao peito. Que é, D. Rui? Raios de Deus! Era um lume, um lume vivo, que se lhe acendera dentro, lhe subia até às goelas. Já rasgara o gibão, atirava os passos incertos, e, a arquejar, com a língua pendente, limpava as grossas bagas de um suor hor-

rendo que o regelava como neve. Oh Virgem Mãe! Outra vez o lume, mais forte, que alastrava, o roial! Gritou:

— Socorro! Alguém! Guanes! Rostabal!

Os seus braços torcidos batiam o ar desesperadamente. E a chama dentro galgava — sentia os ossos a estalarem como as traves de uma casa em fogo.

Cambaleou até à fonte para apagar aquela labareda, tropeçou sobre Rostabal; e foi com o joelho fincado no morto, arranhando a rocha, que ele, entre uivos, procurava o fio de água, que recebia sobre os olhos, pelos cabelos. Mas a água mais o queimava, como se fosse um metal derretido. Recuou, caiu para cima da relva, que arrancava aos punhados, e que mordida, mordendo os dedos, para lhe sugar a frescura. Ainda se ergueu, com uma baba densa a escorrer-lhe nas barbas: e de repente, esbugalhando pavorosamente os olhos, berrou, como se compreendesse enfim a traição, todo o horror:

— É veneno!

Oh! D. Rui, o avisado, era veneno! Porque Guanes, apenas chegara a Retortilho, mesmo antes de comprar os alforges, corraera cantando a uma viela, por detrás da catedral, a comprar ao velho droguista judeu o veneno que, misturado ao vinho, o tornaria a ele, a ele sómente, dono de todo o tesouro.

Anoiteceu. Dois corvos, de entre o bando que grassava além nos silvados, já tinham pousado sobre o corpo de Guanes. A fonte, cantando, lavava o outro morto. Meio enterrada na erva negra, toda a face de Rui se tornara negra. Uma estrelinha tremeluzia no céu.

O tesouro ainda lá está, na mata de Roqueleães.

Conto 1.4 – Civilização (Eça de Queirós)

Eu possuo preciosamente um amigo (o seu nome é Jacinto) que nasceu num palácio, com quarenta contos de renda em pingues terras de pão, azeite e gado.

Desde o berço, onde sua mãe, senhora gorda e crédula de Trás-os-Montes, espalhava, para reter as Fadas Benéficas, funcho e âmbar, Jacinto fora sempre mais resistente e são que um pinheiro das dunas. Um lindo rio, murmuroso e transparente, com um leito muito liso de areia muito branca, reflectindo apenas pedaços lustrosos de um céu de Verão ou rama-gens sempre verdes e de bom aroma, não ofereceria, àquele que o descesse numa barca cheia de almofadas e de champanhe gelado, mais doçura e facilidades do que a vida oferecia ao meu camarada Jacinto. Não teve sarampo e não teve lombrigas. Nunca padeceu, mesmo na idade em que se lê Balzac e Musset, os tormentos da sensibilidade. Nas suas amizades foi sempre tão feliz como o clássico Orestes. Do amor só experimentara o mel — esse mel que o amor invariavelmente concede a quem o pratica, como as abelhas, com ligeireza e mobilidade. Ambição, sentira somente a de compreender bem as ideias gerais, e a «ponta do seu intellecto» (como diz o velho cronista medieval) não estava ainda romba nem ferrugenta... E todavia, desde os vinte e oito anos, Jacinto já se vinha repastando de Schopenhauer, do «Ecclesiastes», de outros pessimistas menores, e

três, quatro vezes por dia, bocejava, com um bocejo cavo e lento, passando os dedos finos sobre as faces, como se nelas só palpasse palidez e ruína. Porquê?

Era ele, de todos os homens que conheci, o mais completamente civilizado — ou antes aquele que se munira da mais vasta soma de civilização material, ornamental e intelectual. Nesse palácio (floridamente chamado o Jasmineiro) que seu pai, também Jacinto, construíra sobre uma honesta casa do século xvii, assoalhada a pinho e branqueada a cal — existia, creio eu, tudo quanto para bem do espírito ou da matéria os homens têm criado, através da incerteza e dor, desde que abandonaram o vale feliz de Septa-Sindú, a Terra das Águas Fáceis, o doce país ariano. A biblioteca — que em duas salas, amplas e claras como praças, forrava as paredes, inteiramente, desde os tapetes de Caramânia até ao tecto, donde, alternadamente, através de cristais, o sol e a electricidade vertiam uma luz estu-diosa e calma — continha vinte e cinco mil volumes, instalados em ébano, magnificamente revestidos de marroquim escarlate. Só sistemas filosóficos (e com justa prudência, para poupar espaço, o bibliotecário apenas colleccionara os que irreconciliavelmente se contradizem) havia mil oitocentos e dezassete!

Uma tarde que eu desejava copiar um ditame de Adam Smith, percorri, buscando este economista ao longo das estantes, oito metros de economia política! Assim se achava formidavelmente abastecido o meu amigo Jacinto de todas as obras essenciais da intelligência — e mesmo da estupidez. E o único inconveniente deste monumental armazém do saber era que todo aquele que lá penetrava, inevitavelmente lá adormecia, por causa das poltronas, que, providas de finas pranchas móveis para sustentar o livro, o charuto, o lápis das notas, a taça de café, ofereciam ainda uma combinação oscilante e flácida de almofadas, onde o corpo encontrava logo, para mal do espírito, a doçura, a profundidade e a paz estirada de um leito.

Ao fundo, e como um altar-mór, era o gabinete de trabalho de Jacinto. A sua cadeira, grave e abacial, de couro, com

brasões, datava do século xiv, e em torno dela pendiam numerosos tubos acústicos, que, sobre os panejamentos de seda cor de musgo e cor de hera, pareciam serpentes adormecidas e suspensas num velho muro de quinta. Nunca recordei sem assombro a sua mesa, recoberta toda de sazes e subtile instrumentos para cortar papel, numerar páginas, colar estampilhas, aguçar lápis, raspar emendas, imprimir datas, derreter lacre, cintar documentos, carimbar contas! Uns de níquel, outros de aço, rebrilhantes e frios, todos eram de um maneio laborioso e lento: alguns, com as molas rígidas, as pontas vivas, trilhavam e feriam; e nas largas folhas de papel «Whatman» em que ele escrevia, e que custavam quinhentos réis, eu por vezes surpreendi gotas de sangue do meu amigo. Mas a todos ele considerava indispensáveis para compor as suas cartas (Jacinto não compunha obras) assim como os trinta e cinco dicionários, e os manuais, e as enciclopédias, e os guias, e os directórios, atulhando uma estante isolada, esguia, em forma de torre, que silenciosamente girava sobre o seu pedestal, e que eu denominava o Farol. O que, porém, mais completamente imprimia àquele gabinete um portentoso carácter de civilização eram, sobre as suas peanhas de carvalho, os grandes aparelhos, facilitadores do pensamento — a máquina de escrever, os autocopistas, o telégrafo Morse, o fonógrafo, o telefone, o teatofone. Outros ainda, todos com metais luzidios, todos com longos fios. Constantemente sons curtos e secos retiniam no ar morno daquelle santuário. Tique, tique, tique! Dlim, dlim, dlim! Craque, craque, craque! Trre, trre, trre!... Era o meu amigo comunicando. Todos esses fios mergulhados em forças universais transmitiam forças universais. E elas nem sempre, desgraçadamente, se conservavam domadas e disciplinadas! Jacinto recolhera no fonógrafo a voz do conselheiro Pinto Porto, uma voz oracular e rotunda, no momento de exclamar com respeito, com autoridade:

— *Maravilhosa invenção! Quem não admirará os progressos deste século?*

Pois, numa doce noite de S. João, o meu supercivilizado amigo, desejando que umas senhoras parentas de Pinto Porto (as amáveis Gouveias) admirassem o fonógrafo, fez romper do bocarrão do aparelho, que parece uma trompa, a conhecida voz rotunda e oracular:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

Mas, inábil ou brusco, certamente desconcertou alguma mola vital — porque de repente o fonógrafo começa a redizer, sem descontinuação, interminavelmente, com uma sonoridade cada vez mais rotunda, a sentença do conselheiro:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

Debalde Jacinto, pálido, com os dedos trémulos, torturava o aparelho. A exclamação recometava, rolava, oracular e majestosa:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

Enevados, retirámos para uma sala distante, pesadamente revestida de panos de Arrás. Em vão! A voz de Pinto Porto lá estava, entre os panos de Arrás, implacável e rotunda:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

Furiosos, enterrámos uma almofada na boca do fonógrafo, atirámos por cima mantas, cobertores espessos, para sufocar a voz abominável. Em vão! Sob a mordação, sob as grossas lãs, a voz rouquejava, surda mas oracular:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

As amáveis Gouveias tinham abalado, apertando desesperadamente os xales sobre a cabeça. Mesmo à cozinha, onde nos refugiámos, a voz descia, engasgada e gosmosa:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

Fugimos espavoridos para a rua.

Era de madrugada. Um fresco bando de raparigas, de volta das fontes, passava cantando com braços de flores:

*Todas as ervas são bentas
Em manhã de S. João...*

Jacinto, respirando o ar matinal, limpava as bagas lentas do suor. Recolhemos ao Jasmineiro, com o sol já alto, já quente. Muito de manso abrimos as portas, como no receio de despertar alguém. Horror! Logo da antecâmara percebemos sons estragulados, roufenhos: «*admirará... progressos... século...*» Só de tarde um electricista pôde emudecer aquele fonógrafo horrendo.

Bem mais aprazível (para mim) do que esse gabinete temerosamente atulhado de civilização — era a sala de jantar, pelo seu arranjo compreensível, fácil e íntimo. A mesa só cabiam seis amigos que Jacinto escolhia com critério na literatura, na arte e na metafísica, e que, entre as tapeçarias de Arrás, representando colinas, pomares e pórticos da Ática, cheias de classicismo e de luz, renovavam ali repetidamente banquetes que, pela sua intelectualidade, lembravam os de Platão. Cada garfada se cruzava com um pensamento ou com palavras destramente arranjadas em forma de pensamento.

E a cada talher correspondiam seis garfos, todos de feitios dissemelhantes e astuciosos — um para as ostras, outro para o peixe, outro para as carnes, outro para os legumes, outro para a fruta, outro para o queijo. Os copos, pela diversidade dos contornos e das cores, faziam, sobre a toalha mais reluzente que esmalte, como ramalhetes silvestres espalhados por cima de neve. Mas Jacinto e os seus filósofos, lembrando o que o experiente Salomão ensina sobre as ruínas e amarguras do vinho, bebiam apenas em três gotas de água uma gota de Bordéus (Chateaubriand, 1860). Assim o recomendam Hesíodo no seu «Nereu», Dícles nas suas «Abelhas». E de águas havia sempre no Jasmineiro um luxo redundante — águas geladas, águas carbonatadas, águas esterilizadas, águas gasosas, águas de sais, águas minerais, outras ainda, em garrafas sérias, com tratados terapêuticos impressos no rótulo... O cozinheiro, mestre Sardão, era daqueles que Anaxágoras equiparava aos Retóricos, aos Oradores, a todos os que sabem a arte divina de «temperar e servir a Ideia»: e em Sibaris, cidade do Viver Excelente, os magistrados teriam votado a mestre Sardão, pelas festas de

Juno Lacinia, a coroa de folhas de ouro e a túnica milésia que se devia aos benfeitores cívicos. A sua sopa de alcachofras e ovas de carpa; os seus filetes de veado macerados em velho Madeira com puré de nozes; as suas amoras geladas em éter, outros acepipes ainda, numerosos e profundos (e os únicos que tolerava o meu Jacinto) eram obras de um artista, superior pela abundância das ideias novas — e juntavam sempre a raridade do sabor à magnificência da forma. Tal prato desse mestre incomparável, parecia, pela ornamentação, pela graça florida dos labores, pelo arranjo dos coloridos frescos e cantantes, uma jóia esmaltada do cinzel de Meurice ou Cellini. Quantas tardes eu desejei fotografar aquelas composições de excelente fantasia, antes que o trinchante as retalhasse! E esta superfinidade do comer condizia deliciosamente com a do servir. Por sobre um tapete, mais fofo e mole que o musgo da floresta da Brocelândia, deslizavam, como sombras fardadas de branco, cinco criados e um pajem preto, à maneira vistosa do século XVIII. As travessas (de prata) subiam da cozinha e da copa por dois ascensores, um para as iguarias quentes, forrado de tubos onde a água fervia; outro, mais lento, para as iguarias frias, forrado de zinco, amónia e sal, e ambos escondidos por flores tão densas e viçosas, que era como se até a sopa saísse fumegando dos românticos jardins de Armida. E muito bem me lembro de um domingo de Malo em que, jantando com Jacinto um bispo, o erudito bispo de Chorazin, o peixe emperrou no meio do ascensor, sendo necessário que acudissem, para o extrair, pedreiros com alavancas.

II

Nas tardes em que havia «banquete de Platão» (que assim denominávamos essas festas de trufas e ideias gerais), eu, vizinho e íntimo, aparecia ao declinar do Sol, e subia

familiarmente ao quarto do nosso Jacinto — onde o encontrava sempre incerto entre as suas casacas, porque as usava alternadamente de seda, de pano, de flancias Jaegher, e de *foulard* das Índias. O quarto respirava o frescor e aroma de jardim por duas vastas janelas, providas magnificamente (além das cortinas de seda moie Luís XV) de uma vidraça exterior de cristal inteiro, de uma vidraça interior de cristais miúdos, de um toldo rolando na cimalha, de um estore de sedinha frouxa, de gazes que franziam e se enrolavam como nuvens, e de uma gelosia móvel de gradaria mourisca. Todos estes resguardos (sábria invenção de Holland & C.^ª, de Londres) serviam a graduar a luz e o ar — segundo os avisos de termómetros, barómetros e higrómetros, montados em ébano, e a que um meteorologista (Cunha Guedes) vinha, todas as semanas, verificar a precisão.

Entre estas duas varandas rebrilhava a mesa de *toilette*, uma mesa enorme de vidro, toda de vidro, para a tornar impenetrável aos micróbios, e coberta de todos esses utensílios de asseio e alinho que o homem do século XIX necessita numa capital, para não desfear o conjunto sumptuário da civilização. Quando o nosso Jacinto, arrastando as suas engenhosas chimelas de pelica e seda, se acercava desta ara — eu, bem aconchegado num divã, abria com indolência uma revista, ordinariamente a «Revista Electropática», ou a das «Indagações Psíquicas». E Jacinto começava... Cada um desses utensílios de aço, de marfim, de prata, impunham ao meu amigo, pela influência omnipoderosa que as coisas exercem sobre o dono (*sunt tyrannæ rerum*) o dever de o utilizar com aptidão e deferência. E assim as operações do alindamento de Jacinto apresentavam a prolixidade, reverente e insuprimível, dos ritos de um sacrifício.

Começava pelo cabelo... Com uma escova chata, redonda e dura, acamava o cabelo, corredio e louro, no alto, aos lados da risca; com uma escova estreita e recurva, à maneira do alfange de um persa, ondeava o cabelo sobre a orelha; com uma escova côncava, em forma de telha, empastava o cabelo, por trás, sobre a nuca... Respirava e sorria. Depois, com uma

escova de longas cerdas, fixava o bigode; com uma escova leve e flácida acurvava as sobrancelhas; com uma escova feita de penugem regularizava as pestanas. E deste modo Jacinto ficava diante do espelho, passando pêlos sobre o seu pêlo, durante catorze minutos.

Penteado e cansado, ia purificar as mãos. Dois criados, ao fundo, manobravam com perícia e vigor os aparelhos do lavatório — que era apenas um resumo dos maquinismos monumentais da sala de banho. Ali, sobre o mármore verde e róseo do lavatório, havia apenas duas duches (quente e fria) para a cabeça; quatro jactos, graduados desde zero até cem graus; o vaporizador de perfumes; a fonte de água esterilizada (para os dentes); o repuxo para a barba; e ainda torneiras que rebrilhavam e botões de ébano que, de leve roçados, desencadeavam o marulho e o estridor de torrentes nos Alpes... Nunca eu, para molhar os dedos, me cheguei àquele lavatório sem terror — escarmentado da tarde amarga de Janeiro em que bruscamente, desolidada a torneira, o jacto de água a cem graus rebentou, silvando e fumegando, furioso, devastador... Fugimos todos, espavoridos. Um clamor atroou o Jasmineiro. O velho Grilo, escudeiro que fora do Jacinto pai, ficou coberto de empolhas na face, nas mãos fiéis.

Quando Jacinto acabava de se enxugar laboriosamente a toalha de felpo, de linho, de corda entrançada (para restabelecer a circulação), de seda frouxa (para lustrar a pele) bocejava, com um bocejo cavo e lento.

E era este bocejo, perpétuo e vago, que nos inquietava a nós, seus amigos e filósofos. Que faltava a este homem excelente? Ele tinha a sua inabalável saúde de pinheiro bravo, crescendo nas dunas; uma luz da inteligência, própria a tudo alumiar, firme e clara sem tremor ou morrão; quarenta magníficos contos de renda; todas as simpatias de uma cidade chasqueadora e céptica; uma vida varrida de sombras, mais liberta e lisa do que um céu de Verão... E todavia bocejava constantemente, palpava na face, com os dedos finos, a palidez e as rugas. Aos trinta

anos Jacinto corcovava, como sob um fardo injusto! E pela moralidade (1) desconsolada de toda a sua acção parecia ligado, desde os dedos até à vontade, pelas malhas apertadas de uma rede que se não via e que o travava. Era doloroso testemunhar o fastio com que ele, para apontar um endereço, tomava o seu lápis pneumático, a sua pena eléctrica — ou, para avisar o cocheiro, apanhava o tubo telefónico... Neste mover lento do braço magro, nos vincos que lhe arrepanhavam o nariz, mesmo nos seus silêncios, longos e derreados, se sentia o brado consistente que lhe ia na alma: «Que maçada! Que maçada!» Claramente a vida era para Jacinto um cansaço — ou por laboriosa e difícil, ou por desinteressante e oca. Por isso o meu pobre amigo procurava constantemente juntar à sua vida novos interesses, novas facilidades. Dois inventores, homens de muito zelo e pesquisa, estavam encarregados, um em Inglaterra, outro na América, de lhe noticiar e de lhe fornecer todas as invenções, as mais miúdas, que concorressem a aperfeiçoar a confortabilidade do Jasmineiro. De resto, ele próprio se correspondia com Edison. E, pelo lado do pensamento, Jacinto não cessava também de buscar interesses e emoções que o reconciliassem com a vida — penetrando à cata dessas emoções e desses interesses pelas veredas mais desviadas do saber, a ponto de devorar, desde Janeiro a Março, setenta e sete volumes sobre a *evolução das idéias morais entre as raças negróides*. Ah! nunca homem deste século batalhou mais esforçadamente contra a *seca de viver!* Debalde! Mesmo de explorações tão cativantes como essa, através da moral dos negróides, Jacinto regressava mais murcho, com bocejos mais cavos!

E era então que ele se refugiava intensamente na leitura de Schopenhauer e do «Ecclesiastes». Porquê? Sem dúvida porque ambos esses pessimistas o confirmavam nas conclusões que ele tirava de uma experiência paciente e rigorosa, «que tudo é vaidade ou dor, que quanto mais se sabe, mais se pensa, e que

(1) Conforme o texto da «Gazeta de Notícias».

ter sido rei de Jerusalém e obtido os gozos todos na vida só leva a maior amargura...» Mas porque rolara assim a tão escura desilusão — o saudável, rico, sereno e intelectual Jacinto? O velho escudeiro Grilo pretendia que «Sua Excelência sofria de furtura!»

III

Ora justamente depois desse Inverno, em que ele se embe-nhara na moral dos negróides e instalara a luz eléctrica entre os arvoredos do jardim, succedeu que Jacinto teve a necessidade moral iniludível de partir para o Norte, para o seu velho solar de Torges. Jacinto não conhecia Torges, e foi com desusado tédio que ele se preparou, durante sete semanas, para essa jornada agreste. A quinta fica nas serras — e a rude casa solarenga, onde ainda resta uma torre do século XV, estava ocupada, havia trinta anos, pelos caseiros, boa gente de trabalho, que comia o seu caldo entre a fumarça da lareira e estendia o trigo a secar nas salas senhoriais.

Jacinto, logo nos começos de Março, escrevera cuidadosamente ao seu procurador Sousa, que habitava a aldeia de Torges, ordenando-lhe que compusesse os telhados, calasse os muros, envidraçasse as janelas. Depois mandou expedir, por comboios rápidos, em caixotes que transpunham a custo os portões do Jasmineiro, todos os confortos necessários a duas semanas de montanha — camas de penas, poltronas, divãs, lâmpadas de Carcel, banheiras de níquel, tubos acústicos para chamar os escudeiros, tapetes persas para amaciar os soalhos. Um dos cocheiros partiu com um *coupé*, uma vitória, um *break*, mulas e guizos.

Depois foi o cozinheiro, com a bateria, a garrafeira, a geleira, bacias de trufas, caixas profundas de águas minerais. Desde o amanhecer, nos pátios largos do palacete, se pregava, se martelava, como na construção de uma cidade. E as bagagens, desfilingo, lembravam uma página de Heródoto ao narrar

a invasão persa. Jacinto emagrecera com os cuidados daquele Exodo. Por fim, largámos numa manhã de Junho, com o Grilo, e trinta e sete malas.

Eu acompanhava Jacinto, no meu caminho para Goães, onde vive minha tia, a uma légua farta de Torges: e íamos num vago reservado, entre vastas almofadas, com perdzes e champagne num cesto. A meio da jornada devíamos mudar de comboio — nessa estação que tem um nome sonoro em *olá* e um tão suave e cândido jardim de roseiras brancas. Era domingo de imensa poeira e sol — e encontrámos al, enchendo a plataforma estreita, todo um povaréu festivo que vinha da romaria de S. Gregório da Serra.

Para aquele trasbordo, em tarde de arraial, o horário só nos concedia três minutos avaros. O outro comboio já esperava, rente aos alpendres, impaciente e silvando. Uma sineta badalava com furor. E, sem mesmo atender às lindas moças que ali sara-coteavam, aos bandos, afogueadas, de lenços flamejantes, o seio farto coberto de ouro, e a imagem do santo espetada no chapéu — corremos, empurrámos, furámos, saltámos para o outro vago, já reservado, marcado por um cartão com as iniciais de Jacinto. Imediatamente o trem rolou. Pensei então no nosso Grilo, nas trinta e sete malas! E debruçado da portinhola avistei ainda junto ao cunhal da estação, sob os eucaliptos, um monte de bagagens, e homens de boné agalooado que, diante delas, bra-cejavam com desespero.

Murmurei, recaindo nas almofadas:

— Que serviço!

Jacinto, ao canto, sem descerrar os olhos, suspirou:

— Que maçada!

Toda uma hora deslizámos lentamente entre trigais e vinhedo; e ainda o sol batia nas vidraças, quente e poeirento, quando chegámos à estação de Gondim, onde o procurador de Jacinto, o excelente Sousa, nos devia esperar com cavalos para treparmos a serra até ao solar de Torges. Por trás do jardim da estação, todo florido também de rosas e margaridas, Jacinto

reconheceu logo as suas carruagens, ainda empacotadas em lona.

Mas quando nos apeámos no pequeno cais branco e fresco — só houve em torno de nós solidão e silêncio... Nem procurador, nem cavalos! O chefe da estação, a quem eu perguntara com ansiedade «se não apparecera ali o sr. Sousa, se não conhecia o sr. Sousa», tirou afavelmente o seu boné de galão. Era um moço gordo e redondo, com cores de maçã amoesa, que trazia sob o braço um volume de versos. «Conhecia perfeitamente o sr. Sousa! Três semanas antes jogara ele a manilha com o sr. Sousa! Nessa tarde, porém, infelizmente, não avistara o sr. Sousa!» O comboio desaparecera por detrás das fragas altas que ali pendem sobre o rio. Um carregador enrolava o cigarro, assobiando. Rente da grade do jardim, uma velha, toda de negro, dormitava agachada no chão, diante de uma cesta de ovos. E o nosso Grilo, e as nossas bagagens?... O chefe encolheu risinhosamente os ombros néctios. Todos os nossos bens tinham encailhado, decerto, naquela estação de roseiras brancas que tem um nome sonoro em *ola*. E nós ali estávamos, perdidos na serra agreste, sem procurador, sem cavalos, sem Grilo, sem malas.

Para que esfriar miudamente o lance lamentável? Ao pé da estação, numa quebrada da serra, havia um casal foreiro à quinta, onde alcançámos, para nos levarem e nos guiarem a Torges, uma água lazarenta, um jumento branco, um rapaz e um podengo. E aí começámos a trepar, enfásticamente, estes caminhos agrestes — os mesmos, decerto, por onde vinham e íam, de monte a rio, os Jacintos do século xv. Mas, passada uma trémula ponte de pau que galga um ribeiro todo quebrado por fragas (e onde abunda a truta adorável) os nossos males esqueceram, ante a inesperada, incomparável beleza daquela serra bendita. O divino artista que está nos Céus compusera, certamente, esse monte numa das suas manhãs de mais solene e bucólica inspiração.

A grandeza era tanta como a graça... Dizer os vales fofos de verdura, os bosques quase sacros, os pomares cheirosos e em

flor, a frescura das águas cantantes, as ermidinhas branqueando nos altos, as rochas musgosas, o ar de uma doçura de Paraíso, toda a majestade e toda a lindeza — não é para mim, homem de pequena arte. Nem creio mesmo que fosse para mestre Horácio. Quem pode dizer a beleza das coisas, tão simples e inexprimível? Jacinto adiante, na água tarda, murmurava:

— Ah! que beleza!

Eu atrás, no burro, com as pernas bambas, murmurava:

— Ah! que beleza!

Os expertos regatos riam, saltando de rocha em rocha. Finos ramos de arbustos floridos roçavam as nossas faces, com familiaridade e carinho. Muito tempo um melro nos seguiu, de choupo para castanheiro, assobiando os nossos louvores. Serra bem acolhedora e amável... Ah! que beleza!

Por entre estes «Ah!» maravilhosos chegámos a uma avenida de faias, que nos pareceu clássica e nobre. Atirando uma nova vergastada ao burro e à água, o nosso rapaz, com o seu podengo ao lado, gritava:

— Aqui é que estemos!

E ao fundo das faias havia com efeito um portão de quinta, que um escudo de armas de velha pedra, roída de musgo, grandemente afidalgava. Dentro já os cães ladravam com furor. E mal Jacinto, e eu atrás dele no burro de Sancho, transpusemos o limiar solarengo, correu para nós, do alto de uma escadaria, um homem branco, rapado como um clérigo, sem colete, sem jaleca, que erguia para o ar, num assombro, os braços esgazeados. Era o caseiro, o Zé Brás. E logo ali, nas pedras do pátio, entre o latir dos cães, surdiu uma tumultuosa história que o pobre Brás baibuciava, aturdido, e que enchia a face de Jacinto de lividez e de cólera. O caseiro não esperava Sua Excelência. Ninguém esperava Sua Excelência. (Ele dizia *sua infelicidade*.)

O procurador, o sr. Sousa, estava para a raia desde Maio, a tratar a mãe que levava um couce de mula. E decerto houvera engano, cartas perdidas... Porque o sr. Sousa só contava com

Sua Excelência, em Setembro, para a vindima. Na casa nenhuma obra começara. E infelizmente para Sua Excelência os telhados ainda estavam sem telhas, e as janelas sem vidraças...

Cruzei os braços, num justo espanto. Mas os caixotes — esses caixotes remetidos para Torges, com tanta prudência, em Abril, repletos de colchões, de regalos, de civilização?... O caixote, vago, sem compreender, arregalava os olhos miúdos, onde já bailavam lágrimas. Os caixotes? Nada chegara, nada aparecera. E na sua perturbação o Zé Brás procurava entre as arcadas do pátio, nas algibeiras das pantalonas... Os caixotes? Não, não tinha os caixotes!

Foi então que o cocheiro de Jacinto (que trouxera os cavalos e as carruagens) se acercou, gravemente. Esse era um civilizado — e acusou logo o governo. Já quando ele servia o senhor visconde de S. Francisco se tinham assim perdido, por desleixo do governo, da cidade para a serra, dois caixotes com vinho velho da Madeira e roupa branca de senhora. Por isso ele, escarmentado, sem confiança na Nação, não largara as carruagens — e era tudo o que restava a Sua Excelência: o *brak*, a vitória, o *coupé* e os guizos. Somente, naquela rude montanha, não havia estradas onde elas rolassem. E como só podiam subir para a quinta em grandes carros de bois — ele lá as deixara em baixo, na estação, quietas, empacotadas na lona...

Jacinto ficara plantado diante de mim, com as mãos nos bolsos:

— E agora?

Nada restava senão recolher, ceiar o caldo do Zé Brás, e dormir nas palhas que os fados nos concedessem. Subimos. A escadaria nobre conduzia a uma varanda, toda coberta, em alpendre, acompanhando a fachada do casarão e ornada, entre os seus grossos pilares de granito, por caixotes cheios de terra, em que floriam cravos. Colhi um cravo. Entrámos. E o meu pobre Jacinto contemplou, enfim, as salas do seu solar! Eram

enormes, com as altas paredes rebocadas a cal que o tempo e o abandono tinham enegrecido, e vazias, desoladamente nuas, oferecendo apenas como vestígio de habitação e de vida, pelos cantos, algum monte de cestos ou algum molho de enxadas. Nos tectos remotos de carvalho negro alvejavam manchas — que era o céu já pálido do fim da tarde, surpreendido através dos buracos do telhado. Não restava uma vidraça. Por vezes, sob os nossos passos, uma tábua podre rangia e cedía.

Parámos, enfim, na última, a mais vasta, onde havia duas arcas tulheiras para guardar o grão; e aí depusemos, melancolicamente, o que nos ficara de trinta e sete malas — os paletós alvadios, uma bengala e um «jornal da Tarde». Através das janelas desvidraçadas, por onde se avistavam copas de arvoredos e as serras azuis de além-rio, o ar entrava, montesino e largo, circulando plenamente como em um eirado, com aromas de pinheiro bravo. E lá de baixo, dos vales, subia, desgarrada e triste, uma voz de pegureira cantando. Jacinto balbuciou:

— É horroroso!

Eu murmurei:

— É campestre!

IV

O Zé Brás, no entanto, com as mãos na cabeça, desaparecera a ordenar a ceia para suas *inselências*. O pobre Jacinto, esbatrondado pelo desastre, sem resistência contra aquele brusco desaparecimento de toda a civilização, caíra pesadamente sobre o poial de uma janela, e dali olhava os montes. E eu, a quem aqueles arcs serranos e o cantar da pegureira sabiam bem, terminei por descer à cozinha, conduzido pelo cocheiro, através de escadas e becos, onde a escuridão vinha menos do crepúsculo do que de densas teias de aranha.

A cozinha era uma espessa massa de tons e formas negras, cor de fuligem, onde refulgia ao fundo, sobre o chão de terra, uma fogueira vermelha que lambia grossas panelas de ferro, e se perdia em fumarada pela grade escassa que no alto coava a luz. Aí um bando alvoroçado e palreiro de mulheres depenava frangos, batia ovos, escarolava arroz, com santo fervor... Do meio delas o bom caseiro, estonteado, investiu para mim jurando que «a ceia de suas *inselências* não demorava um credo». E como eu o interrogava a respeito de camas, o digno Brás teve um murmúrio vago e tímido sobre «enxergazinhas no chão».

— É o que basta, sr. Zé Brás — acudi eu para o consolar.

— Pois assim Deus seja servido! — suspirou o homem excelente, que atravessava, nessa hora, o transe mais amargo da sua vida serrana.

Voltando a cima, com estas consolantes novas de ceia e cama, encontrei ainda o meu Jacinto no pólar da janela, embendando-se todo da doce paz crepuscular, que lenta e caladamente se estabelecia sobre vale e monte. No alto já tremeluzia uma estrela, a *Vésper* diamantina, que é tudo o que neste céu cristão resta do esplendor corporal de *Vénus*! Jacinto nunca considerara bem aquela estrela — nem assistira a este majestoso e doce adormecer das coisas. Esse enegrecimento de montes e arvoredos, casaís claros fundindo-se na sombra, um toque dormitante de sino que vinha pelas quebradas, o cochichar das águas entre as relvas baixas — eram para ele como iniciações. Eu estava defronte, no outro pólar. E senti-o suspirar como um homem que enfim descansa.

Assim nos encontramos nesta contemplação o Zé Brás com o doce aviso de que estava na mesa a *ceiazinha*. Era adiante, noutra sala mais nua, mais negra. E aí, o meu supercivilizado Jacinto recuou com um pavor genuíno. Na mesa de pinho, recoberta com uma toalha de mãos, encostada à parede sórdida, uma vela de sebo, meio derretida num castiçal de latão, alumiava dois pratos de louça amarela, ladeados por colheres de

pau e por garfos de ferro. Os copos, de vidro grosso e baço, conservavam o tom roxo do vinho que neles passara em fartos anos de fartas vindimas. O covilhete de barro com as azeitonas deleitaria, pela sua singeleza ática, o coração de Diógenes. Na larga broa estava cravado um facalhão... Pobre Jacinto!

Mas lá abancou resignado, e muito tempo, pensativamente, esfregou com o seu lenço o garfo negro e a colher de pau. Depois, mudo, desconfiado, provou um gole curto do caldo, que era de galinha e rescendia. Provou, e levantou para mim, seu companheiro e amigo, uns olhos largos que luziam, surpreendidos. Tornou a sorver uma colherada do caldo, mais cheia, mais lenta... E sorriu, murmurando com espanto: — Está bom!

Estava realmente bom: tinha fígado e tinha moela: o seu perfume enternecia. Eu, três vezes, com energia, ataquei aquele caldo: foi Jacinto que rapou a sopeira. Mas já, arredando a broa, arredando a vela, o bom Zé Brás pousara na mesa uma travessa vidrada, que trasbordava de arroz com favas. Ora, apesar de a fava (que os Gregos chamaram *ciboria*) pertencer às épocas superiores da civilização, e promover tanto a sapiência que havia em Sício, na Galácia, um templo dedicado a Minerva Ciboriana — Jacinto sempre detestara favas. Tentou todavia uma garfada tímida. De novo os seus olhos, alargados pelo assombro, procuraram os meus. Outra garfada, outra concentração... E eis que o meu difficilimo amigo exclama: — Está óptimo!

Eram os picantes ares da serra? Era a arte deliciosa daquelas mulheres que em baixo remexiam as panelas, cantando o «Vira, meu bem»? Não sei — mas os louvores de Jacinto a cada travessa foram ganhando em amplitude e firmeza. E diante do frango louro, assado no espeto de pau, terminou por bradar: — Está divino!

Nada porém o entusiasmou como o vinho, o vinho caindo de alto, da grossa caneca verde, um vinho gostoso, penetrante, vivo, quente, que tinha em si mais alma que muito poema ou

livro santo! Mirando à luz de sebo o copo rude que ele orlava de espuma, eu recordava o dia geórgico em que Virgílio, em casa de Horácio, sob a ramada, cantava o fresco palhete da Rética. E Jacinto, com uma cor que eu nunca vira na sua palidez schopenháurica, sussurrou logo o doce verso:

Rethica quo te carmina dicat

Quem dignamente te cantará, vinho daquelas serras!

Assim jantámos deliciosamente, sob os auspícios do Zé Brás. E depois voltámos para as alegrias únicas da casa, para as janelas desvidraçadas, a contemplar silenciosamente um sumptuoso céu de Verão, tão cheio de estrelas que todo ele parecia uma densa poeirada de ouro vivo, suspensa, imóvel, por cima dos montes negros. Como eu observei ao meu Jacinto, na cidade nunca se olham os astros por causar dos candeieiros — que os ofuscam: e nunca se entra por isso numa completa comunhão com o universo. O homem nas capitais pertence à sua casa, ou, se o impelem fortes tendências de sociabilidade, ao seu bairro. Tudo o isolá e o separa da restante Natureza — os prédios obstrutores de seis andares, a fumaça das chaminés, o rolar moroso e grosso dos ónibus, a trama encarceradora da vida urbana... Mas que diferença, num cimo de monte, como Torges! Al todas essas belas estrelas olham para nós de perto, rebrilhando, à maneira de olhos conscientes, umas fixamente, com subli-me indiferença, outras ansiosamente, com uma luz que palpita, uma luz que chama, como se tentassem revelar os seus segredos ou compreender os nossos... E é impossível não sentir uma solidariedade perfeita entre esses imensos mundos e os nossos pobres corpos. Todos são obra da mesma vontade. Todos vivem da acção dessa vontade imanente. Todos, portanto, desde os Úranos até aos Jacintos, constituem modos diversos de um ser único, e através das suas transformações somam na mesma unidade. Não há ideia mais consoladora do que esta — que eu, e tu, e aquele monte, e o Sol que, agora, se esconde

são moléculas do mesmo Todo, governadas pela mesma Lei, rolando para o mesmo Fim. Desde logo se somem as responsabilidades torturantes do individualismo. Que somos nós? Formas sem força, que uma Força impele. E há um canso delicioso nesta certeza, mesmo fugitiva, de que se é o grão de pó irresponsável e passivo que vai levado no grande vento, ou a gota perdida na torrente! Jacinto concordava, sumido na sombra. Nem ele nem eu sabíamos os nomes desses astros admiráveis. Eu, por causa da maciça e indesbastável ignorância de bacharel, com que saí do ventre de Coimbra, minha mãe espiritual. Jacinto, porque na sua ponderosa biblioteca tinha trezentos e dezoito tratados sobre astronomia! Mas que nos importava, de resto, que aquele astro além se chamasse Sírio e aquele outro Aldebarã? Que lhes importava a eles que um de nós fosse José e o outro Jacinto? Éramos formas transitórias do mesmo ser eterno — e em nós havia o mesmo Deus. E se eles também assim o compreendiam, estávamos ali, nós à janela num casarão serrano, eles no seu maravilhoso infinito, perfazendo um acto sacrossanto, um perfeito acto de Graça — que era sentir conscientemente a nossa unidade, e realizar, durante um instante, na consciência, a nossa divinição.

Assim enevoadamente filosofávamos — quando Zé Brás, com uma candea na mão, veio avisar que «estavam preparadas as camas de suas *inseleñcias*...» Da idealidade descemos gostosamente à realidade, e que vimos então nós, os irmãos dos astros? Em duas salas tenebrosas e côncavas, duas enxergas, postas no chão, a um canto, com duas cobertas de chita; à cabeceira um castiçal de latão, pousado sobre um alqueire; e aos pés, como lavatório, um alguidar vidrado em cima de uma cadeira de pau!

Em silêncio, o meu supercivilizado amigo palpou a sua enxerga e sentiu nela a rigidez de um granito. Depois, correndo pela face descaída os dedos murchos, considerou que, perdidas as suas malas, não tinha nem chinelas nem roupão! E foi ainda Zé Brás que providenciou, trazendo ao pobre Jacinto, para ele desafogar os pés, uns tremendos tamancos de pau, e para ele

embrulhar o corpo, docemente educado em Sibaris, uma camisa da caseira, enorme, de estopa mais áspera que estamemha de penitente, e com folhos crespos e duros como labores em madeira... Para o consolar, lembrei que Platão, quando compunha o «Banquete», Xenofonte, quando comandava os Dez Mil, dormiam em piores catres. As enxergas austeras fazem as fortes almas — e é só vestido de estamemha que se penetra no Paraíso.

— Tem você — murmurou o meu amigo, desateito e seco — alguma coisa que eu leia?... Eu não posso adormecer sem ler!

Eu possuía apenas o número do «Jornal da Tarde», que rasguei pelo meio e partilhei com ele fraternalmente. E quem não viu então Jacinto, senhor de Torges, acaçapado à borda da enxerga, junto da vela que pingava sobre o alqueire, com os pés nus encafuaados nos grossos socos, perdido dentro da camisa da patroa, toda em folhos, percorrendo na metade do «Jornal da Tarde», com os olhos turvos, os anúncios dos paquetes — não pode saber o que é uma vigorosa e real imagem do desalento!

Assim o deixei — e daí a pouco, estendido na minha enxerga também espartana, subia, através de um sonho jovial e erudito, ao planeta Vénus, onde encontrava, entre os olmos e os ciprestes, num vergel, Platão e o Zé Brás, em alta camaradagem intelectual, bebendo o vinho da Réfica pelos copos de Torges! Travámos todos três bruscamente uma controvérsia sobre o século XIX. Ao longe, por entre uma floresta de roseiras mais altas que carvalhos, alvejavam os mármores de uma cidade e ressoavam cantos sacros. Não recordei o que Xenofonte sustentou acerca da civilização e do fonógrafo. De repente tudo foi turbado por fuscas nuvens, através das quais eu distinguia Jacinto, fugindo num burro que ele impelia furiosamente com os calcanhares, com uma vergasta, com berros, para os lados do Jasmineiro!

Cedo, de madrugada, sem rumor, para não despertar Jacinto, que, com as mãos sobre o peito, dormia plácidamente no seu leito de granito — parti para Goães. E durante três quietas semanas, naquela vila onde se conservam os hábitos e as ideias do tempo de el-rei D. Dinis, não soube do meu desconsoado amigo, que decerto fugira dos seus tectos esburacados e remergulhara na civilização. Depois, por uma abrasada manhã de Agosto, descendo de Goães, de novo trilhei a avenida de faias, e entrei o portão solarengo de Torges, entre o furioso latir dos rafeiros. A mulher do Zé Brás appareceu alvoroçada à porta da tulha. E a sua nova foi logo que o sr. D. Jacinto (em Torges, o meu amigo tinha dom) andava lá em baixo com o Sousa nos campos de Freixomil.

— Então, ainda cá está o sr. D. Jacinto?

Sua inselência ainda estava em Torges — e *sua inselência* ficava para a vindimar!... Justamente eu reparava que as janelas do solar tinham vidraças novas; e a um canto do pátio pou-savam baldés de cai; uma escada de pedreiro ficara arrimada contra a varanda; e num caixote aberto, ainda cheio de palha de empacotar, dormiam dois gatos.

— E o Grilo appareceu?

— O sr. Grilo está no pomar, à sombra.

— Bem! E as malas?

— O sr. D. Jacinto já tem o seu saquinho de couro...

Louvado Deus! O meu Jacinto estava, enfim, provido de civilização! Subi contente. Na sala nobre, onde o soalho fora composto e esfregado, encontrei uma mesa recoberta de oleado, prateleiras de pinho com louça branca de Barcelos e cadeiras de palhinha, orlando as paredes muito caiadas que davam uma frescura de capela nova. Ao lado, noutra sala, também de faiscante alvura, havia o conforto inesperado de três cadeiras de verga da Madeira, com braços largos e almofadas de chita;

sobre a mesa de pinho, o papel almaço, o candeeiro de azeite, as penas de pato espetadas num tinteiro de frade, pareciam preparadas para um estudo calmo e ditoso das humanidades: e na parede, suspensa de dois pregos, uma estantezinha continha quatro ou cinco livros, folheados e usados, o «D. Quixote», um Virgílio, uma «História de Roma», as «Crônicas» de Froissart. Adiante era certamente o quarto de D. Jacinto, um quarto claro e casto de estudante, com um catre de ferro, um lavatório de ferro, a roupa pendurada de cabides toscos. Tudo respaldava de asseio e ordem. As janelas cerradas defendiam do sol de Agosto, que escaldava fora os peitoris de pedra. Do soalho, borriçado de água, subia uma fresquidão consoladora. Num velho vaso azul um molho de cravos alegrava e perfumava. Não havia um rumor. Torges dormia no esplendor da sesta. E envolvido naquele repouso de convento remoto, terminei por me estender numa cadeira de verga junto à mesa, abri lânguidamente o Virgílio, murmurando:

*Fortunate Jacinthe! tu inter arva nota
Et fontes sacros Iriquis captabis opacum.*

Já mesmo irreverentemente adormecera sobre o divino bucolista, quando me despertou um brado amigo. Era o nosso Jacinto. E imediatamente o comparei a uma planta, meio murcha e estiolada no escuro, que fora profusamente regada e revista em pleno sol. Não corcovava. Sobre a sua palidez de supercivilizado, o ar da serra ou a reconciliação com a vida tinham espalhado um tom trigueiro e forte que o virilizava soberbamente. Dos olhos, que na cidade eu lhe conhecera sempre crepusculares, saltava agora um brilho de meio-dia, decidido e largo, que mergulhava francamente na beleza das coisas. Já não passava as mãos murchas sobre a face — batia com elas rijamente na coxa... Que sei eu? Era uma reencarnação. E tudo o que me contou, pisando alegremente com os sapatos brancos o soalho, foi que se sentira, ao fim de três dias em Torges, como

desanuviado, mandara comprar um colchão macio, reunira cinco livros nunca lidos, e ali estava...

— Para todo o Verão?

— Para todo o sempre! E agora, homem das cidades, vem almoçar umas trutas que eu pesquei, e compreende enfim o que é o Céu.

As trutas eram, com efeito, celestes. E apareceu também uma salada fria de couve-flor e vagens, e um vinho branco de Azães... Mas quem condignamente vos cantará, comeres e beberes daquelas serras?

De tarde, finda a calma, passámos pelos caminhos coleando a vasta quinta, que vai de vales a montes. Jacinto parava a contemplar com carinho os milhos altos. Com a mão espalmada e forte batia no tronco dos castanheiros, como nas costas de amigos recuperados. Todo o fio de água, todo o tufo de erva, todo o pé de vinha o ocupava como vidas filiais por que fosse responsável. Conhecia certos melros que cantavam em certos choupos. Exclamava enternecido:

— Que encanto, a flor do trevo!

A noite, depois de um cabrito sistema, toda a imensa simitas, um assado no forno, a que mestre Horácio teria dedicado uma ode (talvez mesmo um carne heróico) conversámos sobre o Destino e a Vida. Eu citei, com discreta malícia, Schopenhauer e o «Ecclesiastes»... Mas Jacinto ergueu os ombros, com seguro desdém. A sua confiança nesses dois sombrios explicadores da vida desaparecera, e irremediavelmente, sem poder mais voltar, como uma névoa que o sol espalha. Tremenda tolice! Afirmar que a vida se compõe, meramente, de uma longa ilusão — é erguer um aparatoso sistema sobre um ponto especial e estreito da vida, deixando fora do sistema toda a vida restante, como uma contradição permanente e soberba. Era como se ele, Jacinto, apontando para uma urtiga, crescida naquele pátio, declarasse, triunfalmente: «Aqui está uma urtiga! Toda a quinta de Torges, portanto, é

uma massa de urtigas.» — Mas bastaria que o hóspede erguesse os olhos, para ver as searas, os pomares e os vinhedos!

De resto, desses dois ilustres pessimistas, um, o alemão, que conhecia ele da vida — dessa vida de que fizera, com doutoral majestade, uma teoria definitiva e dolente? Tudo o que pode conhecer quem, como este genial farsante, viveu cinquenta anos numa soturna hospedaria de província, levantando apenas os óculos dos livros para conversar, à mesa-redonda, com os alferes da guarnição! E o outro, o israelita, o homem dos «Can-tares», o muito pedantesco rei de Jerusalém, só descobre que a vida é uma ilusão aos setenta e cinco anos, quando o poder lhe escapa das mãos trémulas, e o seu serralho de trezentas cubinas se torna ridiculamente supérfluo à sua carcaça frígida. Um dogmatiza fúnebremente sobre o que não sabe — e o outro sobre o que não pode. Mas que se dê a esse bom Schopenhauer uma vida tão completa e cheia como a de César, e onde estará o seu schopenhauerismo? Que se restitua a esse sultão, besuntado de literatura, que tanto edificou e professorou em Jerusalém, a sua virilidade — e onde estará o «Ecclesiastes»? De resto, que importa bendizer ou maldizer da vida? Afortunada ou dolorosa, fecunda ou vã, ela tem de ser vivida. Loucos aqueles que, para a atravessar, se embrulham desde logo em pesados véus de tristeza e desilusão, de sorte que na sua estrada tudo lhes seja negrume, não só as léguas realmente escuras, mas mesmo aquelas em que cintila um sol amável. Na Terra tudo vive — e só o homem sente a dor e a desilusão da vida. E tanto mais as sente, quanto mais alarga e acumula a obra dessa inteligência que o torna homem, e que o separa da restante Natureza, impensante e inerte. É no máximo da civilização que ele experimenta o máximo de tédio. A sapiência, portanto, está em recuar até esse honesto mínimo de civilização, que consiste em ter um tecto de colmo, uma leira de terra e o grão para nela semear. Em resumo, para reaver a felicidade, é necessário regressar ao Paraíso — e ficar lá, quieto, na sua folha de vinha, inteiramente desguarnecido de civilização, contemplando o anho

aos saltos entre o tomilho, e sem procurar, nem com o desejo, a árvore funesta da Ciência! *Dixit!*

Eu escutava, assombrado, este Jacinto novíssimo. Era verdadeiramente uma ressurreição no magnífico estilo de Lázaro. Ao surge *et ambula* que lhe tinham sussurrado as águas e os bosques de Torges, ele erguia-se do fundo da cova do Pessimismo, desembaraçava-se das suas casacas de Poole, *et ambulabat*, e começava a ser ditoso. Quando recolhi ao meu quarto, àquelas horas honestas que convêm ao campo e ao Optimismo, tomei entre as minhas a mão já firme do meu amigo, e pensando que ele enfim alcançara a verdadeira realza, porque possuía a verdadeira liberdade, gritei-lhe os meus parabéns à maneira do moralista de Tibure:

Vive et regna, fortunate Jacinthe!

Daí a pouco, através da porta aberta que nos separava, senti uma risada fresca, moça, genuína e consolada. Era Jacinto que lia o «D. Quixote». Oh bem-aventurado Jacinto! Conservava o agudo poder de criticar, e recuperara o dom divino de rir!

Quatro anos vão passados. Jacinto ainda habita Torges. As paredes do seu solar continuam bem caiadas, mas nuas.

De Inverno enverga um gabão de briche e acende um bra-seiro. Para chamar o Grilo ou a moça, bate as mãos, como fazia Catão. Com os seus deliciosos vagares, já leu a «Iliada». Não faz a barba. Nos caminhos silvestres, pára e fala com as crianças. Todos os casais da serra o bendizem. Ouço que vai casar com uma forte, sã e bela rapariga de-Goães. Decerto crescerá ali uma tribo, que será grata ao Senhor!

Como ele, recentemente, me mandou pedir livros da sua livraria (uma «Vida de Buda»), uma «História da Grécia» e as obras de S. Francisco de Sales) fui, depois destes quatro anos, ao Jasminheiro deserto. Cada passo meu sobre os fofos tapetes de

Caramânia souu triste como num chão de mortos. Todos os brocados estavam engeilhados, esgaçados. Pelas paredes pendiam, como olhos fora de órbitas, os botões eléctricos das campainhas e das luzes — e havia vagos fios de arame, soltos, enroscados, onde a aranha regalada e reinando tecera teias espessas. Na livraria, todo o vasto saber dos séculos jazia numa imensa mudez, debaixo de uma imensa poeira. Sobre as lombadas dos sistemas filosóficos alvejava o bolor: vorazmente a traça devastara as Histórias Universais: errava ali um cheiro mole de literatura apodrecida — e eu abalei, com o lenço no nariz, certo de que naqueles vinte mil volumes não restava uma verdade viva! Quis lavar as mãos, maculadas pelo contacto com estes detritos de conhecimentos humanos. Mas os maravilhosos aparrelhos do lavatório, da sala de banho, enferrujados, perros, des-soldados, não largaram uma gota de água: e, como chovia nessa tarde de Abril, tive de sair à varanda, pedir ao céu que me lavasse.

Ao descer, penetrei no gabinete de trabalho de Jacinto e tropecei num montão negro de ferragens, rodas, lâminas, campainhas, parafusos... Entreabri a janela, e reconheci o telefone, o teatrofone, o fonógrafo, outros aparelhos, tombados das suas peanhas, sórdidos, desfeitos sob a poeira dos anos. Empurrei com o pé este lixo do engenho humano. A máquina de escrever, escancarada, com os buracos negros marcando as letras desarraigadas, era como uma boca alvar e desdentada. O telefone parecia esborrachado, enrodilhado nas suas tripas de arame.

Na trompa do fonógrafo, torta, esbeçada, para sempre muda, fervilhavam carochas. E ali jaziam, tão lamentáveis e grotescas, aquelas geniais invenções, que eu saí rindo, como de uma enorme facécia, daquela supercivilizado palácio.

A chuva de Abril secara: os telhados remotos da cidade negrejavam sobre um poente de carmesim e ouro. E, através das ruas mais frescas, eu ia pensando que este nosso magnífico século XIX se assemelharia um dia àquela Jasmineiro abandonado, e que outros homens, com uma certeza mais pura do

que é a Vida e a Felicidade, dariam como eu com o pé no lixo da supercivilização, e, como eu, ririam alegremente da grande ilusão que findara, inútil e coberta de ferrugem.

Aquela hora, decerto, Jacinto, na varanda em Torges, sem fonógrafo e sem telefone, reencontrado na simplicidade, via, sob a paz lenta da tarde, ao tremeluzir da primeira estrela, a boiada recolher entre o canto dos boia-deiros.

ANEXO II – IMAGENS

2.1 – Mãos



Imagem 2.1.1

2.2 – O Pôr-do-sol em África (Sónia Nunes)



Imagem 2.2.1

2.3 – Imagens de Escher

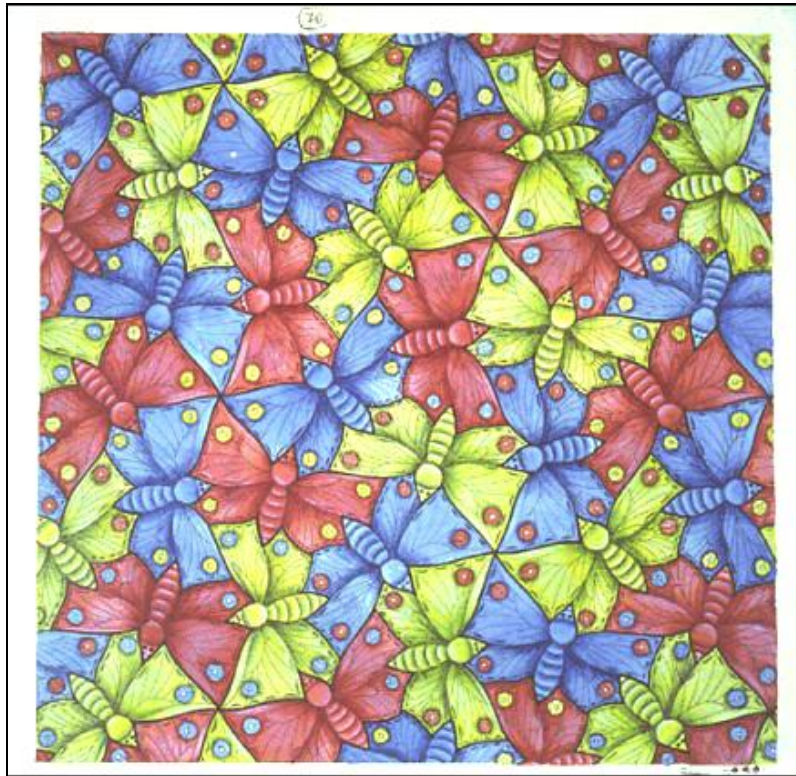


Imagem 2.3.1



Imagem 2.3.2

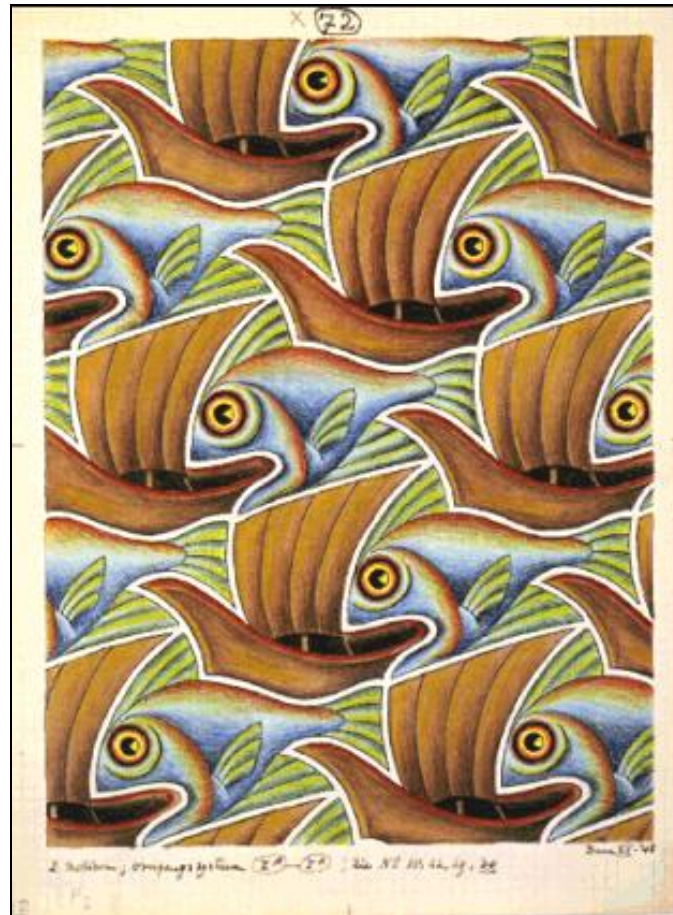


Imagem 2.3.3

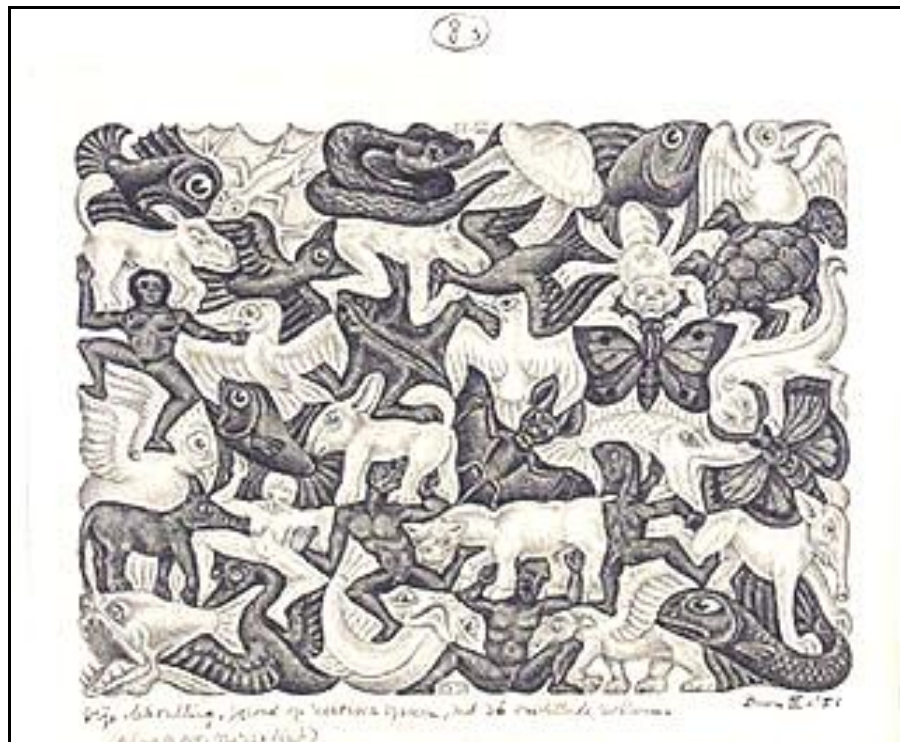


Imagem 2.3.4

ANEXO III – PRODUÇÕES DOS ALUNOS

**3.1 – Textos elaborados a partir de “As Mãos de Prata”, José
Gomes Ferreira**

As mãezinhos

Melana garre chaves
Tema E

As mãos da pessoa que eu mais gosto são: avós, avó, fofinhos e não são espigas.

Quando essas mãos me tocam parecem que são uma mágica porque elas são mágicas fofinhos.

Elas servem para desenhos. Quando as mãos dessa pessoa desenhava são sempre desenhos fantásticos. Ela é uma pessoa que tem tudo de bom mas as mãos dela são a coisa melhor.

De mais, quando as mãos da minha mãe me tocam fazem me sanhar e sanhar...

As mãos da minha mãe são a melhores e as mais bonitas.

Melana garre chaves

Como seriam as minhas mãos se fossem de espaguete?

Se as minhas mãos fossem de espaguete toda a gente fugiria de mim porque pensariam que eram minhocas. Também não podia fazer o que me fosse preciso eram muito frágeis e fofinhas. Se facilmente.

Podia haver alguém que as quisesse para cozinhar e eu teria que fugir a sete pés.

Acho que elas não seriam assim, mas acho que se elas fossem para moda, uma das coisas que me lembrava para fazer com elas seria brincar, fazer de figuras geométricas.

As mãos de terra.

Se alguém tivesse um monte de terra, como sabemos disso: nascer de vasos e plantas e flores na primavera e etc...

Mas também quando se vê a terra com de pó as mãos para cima como se as mãos para nos estragar a sua linda natureza.

Mas seria um problema: se as mãos estragarem as suas lindas mãos não pode tomar banho. Também que por as mãos não alguma coisa de tecido e a denture há as mãos e com o regador bem se regava.

E quando se tivesse na escola alguns lado se mesmo os alunos levavam uma grande sara por causa das mãos, mas os alunos não sabem... Tema 5-E



As mãos de prata

O rapaz com as suas mãos aristocráticas, de prata, deveria ter outra profissão.

O ofício adequado para as suas mãos era ser professor porque assim poderia ensinar as crianças e nem sujara as suas mãos, nem as colunas, nem as manchetas...

Podia também fazer o que ele nunca tinha feito: ir à escola, ver os outros meninos e brincar com eles como nunca fez.

As profissões que ele teria não eram para as suas mãos, nunca sujara - as muito com (vendedor de castanhas), sujara - as com a corvaca.

Quando em trolem sujara as mãos com tintas e cimentos.

Quando em alfaiate passava o dia a picar os dedos com as agulhas.

Nenhuma profissão seria digna

para umas mãos tão belas!

A. Gomes

As mãos de ouro

À minha irmã... Como hei-de explicar como ela é?

É bonita, é alta e muito mais. Das que me impressiona mais são as mãos dela. Eu dizia que tem mãos de ouro.

À leveza das mãos que ela usa para desenhar... Os desenhos são uma maravilha.

Ela desenha muitas coisas, mas aquelas que eu mais aprecio nos seus desenhos, são as caras das pessoas.

Nem sei como ela não apresenta os seus trabalhos aos colegas. Ela é uma pessoa muito trabalhadora!

O meu ídolo tem mãos de ouro. Ela está sempre disposta a trabalhar.

Excelente, desenha, pinta e muito mais. Eu sempre quis ser como ela é. Entendo a certeza que ela será a melhor médica de toda a cidade de Coimbra.

Ela é uma pessoa que nunca esquecerá. As mãos dela são macias, brilhantes, cristalinas...

As mãos também sabem cozinhar, muito bem, mãos que nunca ri. Muita gente dizia que eram mãos normais, mas para mim mãos como as dela, mãos de ouro, são uma coisa que eu sempre admirei numa pessoa.

Pessoas que não dão valor às mãos não sabem ver que as mãos são uma coisa muito importante.

Stões de ouro têm ela, têm os pianistas, os pintores, os escritores etc!

Das as mãos lindas, macias, brilhantes e valiosas só há umas mãos assim, são as stões da minha irmã. 19/11/2007

Ana Stangarida

5.º F

"As mãos de palha" X

Eu conheci uma pessoa que não era igual aos outros.

Essa pessoa chamava-se Belmira. Belmira era um pessoa com um cabelo liso e vinha sempre bem vestida só que havia uma parte do seu corpo que era de palha. Saibem o que era? Eram as suas mãos.

Belmira não conseguia fazer muita coisa por exemplo: não conseguia escrever, bem como os outros colegas.

Quando as professoras ou os professores iam lhe corrigir as fichas, ninguém percebia nada do que lá estava.

Todos os colegas quando a viam começavam a rir. ~~Uma~~ Uma vez quando a Belmira ia as compras com a mãe uma menina perguntou:

-Mãe, mãe, aquela menina está mascarada!!

A mãe da menina ficou toda cheia de vergonha e exclamou:

-Desculhe, pela minha filha dizer a quê.

A mãe da Belmira exclamou:

-Não faz mal. É só uma criança.

Depois de Belmira vir das compras foi para casa. Enquanto Belmira ia para casa com a mãe, as pessoas que passavam por ela iam comentando e outras riam-se. Ela ficava triste por ter mãos de palha. Mas sabia que a sua mãe amava de qualquer maneira, Belmira também gostava muito da mãe e sabia que não se ria como as outras pessoas.

As mãos de água

Se eu tivesse mãos de água não gostaria nada de as ter. Quer dizer, gostaria de as ter por um lado mas por outro não.

Gostaria de as ter por causa dos fogos, que me têm deixado as minhas florestas. Quando houvesse um incêndio eu ia lá e com as minhas mãos de água apagava-as.

Por outro lado não gostaria de ter mãos de água porque entorpeceria tudo onde tocasse.

Não poderia acariciar as pessoas que gosto: mãe, pai e irmãos.

Também não conseguiria escrever com as mãos de água.

Imaginemos que num dia faltava a água em todo o mundo e só as minhas mãos é que existia. Toda a gente vinha pedir-me água.

Estava chamado! O que deve-

ria fazer? Deveria ir ao supermercado comprar umas mãos iguais às de toda a gente?

Quer não me parece, porque no supermercado não há mãos a vender. E é por isto que não gostaria de ter mãos de água.

Picardo 19/11/07

As minhas mãos de água

Se eu tivesse mãos de água, tomava banho com a água das mãos e, era como o Kumami.

Eu molhava toda a gente quando lhes tocava.

Se eu tivesse o bater nos meus colegas ia lá e protegidos com os minhas mãos de água que eram impenetráveis, enchia muitas garrafas, garrafas, bidões, alguidares, copos, etc. Lavava a roupa e depois a lã. Secava com as mãos o roupa.

Tinha o comer.

Enchei os rios pequenos, os oceanos, maris com as minhas mãos.

E quando tivesse a deservir não conseguia porque molhava o Lapis o cadinho, as folhas, e a mesa. Regava as plantas do jardim.

Não conseguia comprimentar ninguém se não molhava. Enchei o sangue dos animais, os vegetos, as ribeiras, os peões.

E andava andava muita bem lavadinho.

Se eu tivesse as mãos de água no Inverno está com muito frio mas no Verão onde muito fresquinho.

E se tivesse mãos de água ajudava os bombeiros a apagar todos os fogos.

Não podia fazer ginástica.

Não podia fazer o que os outros melminos faziam.

- Ah que vida desperçada prefiro ter as mãos que tenho do que mãos de água.

19/11/2007 Diogo Fernandes

O menino de mãos de ouro
Havia um ^{menino} que era filho de um rei.
Esse menino chamava-se Duno era muito bonito, e tinha uma coisa que era diferente do resto das pessoas, tinha mãos de ouro.

As meninas gostavam muito dele e quando ele cresceu as mulheres andavam sempre atrás dele.

Um dia Duno disse ao pai:

- Já está na hora de eu me casar.

- Filho tens certeza? perguntou o pai.

Ele ficou a pensar e respondeu:

- Sim eu já sei o que faço.

No dia a seguir mandou as mulheres todas que havia no reino.

Vieram todas, e uma empurrou-o e ele rolou.

Ela passou um ano perguntou-lhe se as mãos dele eram de ouro ele disse que sim.

Um dia ele tirou-lhe tudo, e ficou pobre e teve de trabalhar.

Ele ficou triste e com aquelas mãos achava-se importante e foi trabalhar para um carpinteiro e partiu as mãos e vendeu-as e só lhe restava as mãos se beija-se um sapo. *Cláudia Antunes*

5F

A minha mãe tem umas mãos bonitas e trabalhadoras.

As mãos dela são bonicas e bonitas e limpinhas.

Eu gosto de ter as mãos dela, nunca fazem o mal e nunca fazem. São amáveis e quando me faz feio fazem mãos de algodão.

São mãos certas. A minha mãe diz-me para trabalhar com a mesma vontade que as mãos dela trabalham.

Ela desde pequena que gostava de ser educadora para tratar as meninas com as suas preciosas mãos.

Mão difíceis de encontrar, raras, estroanhas e preciosas.

A minha mãe quando eu estou doente, trata-me, parece que tem mãos de anjo.

A minha mãe no futuro nunca fará o mal, eu sei sempre bonitas e amadas com toda a gente.

Bruno Miguel Gonçalves 5º F

Gostaria de ter mãos de ouro?

Se eu tivesse mãos de ouro, seria um grande problema. Como o ouro é valioso e brilhante, toda a gente queria as minhas mãos.

Por exemplo, ia na rua e alguém latrões via as minhas mãos. Estava metida em apuros.

A brincos com os meus amigos até os olheiros, porque o ouro é duro e forte.

Com umas mãos de ouro, iria ser uma vida difícil.

Não podia brincar, na rua tinha de esconder as mãos de ouro.

Eu não conseguia ficar, ou minha vida toda sem brincar. Não gostava de esconder as minhas mãos de ouro. Tinha de pensar numa solução.

Partia as mãos e arranjava outros. Tinha umas luas...

Acho que nenhuma solução dá, porque não sei onde se arranja mãos e se quiser umas luas, as mãos de ouro ficariam duras lá mesma.

Por isso não quero ter mãos de ouro e acho que ninguém gostaria de ter.

Data: 19 de Novembro de 2007

Beatriz Silveira Oliveira Fonseca
5ª F

As mãos de pastilha

As mãos de pastilha seriam muito seguras mas seriam muito caras.

Quando caír-mos e tínhamos um forte forte podíamos esticar as mãos e agarrar-me ao forte.

Podiam later nas minhas mãos, apertadas e pisadas, podiam esticá-las muito, podia color as minhas mãos onde eu quisesse, mastigadas entre muitas coisas.

Se eu tive-se mãos de pastilha, podia estar sentado num banco e sem me levantar tirar uma coisa que, estivesse muito longe de mim.

Podia levantar uma mesa, um banco, um quadro, um pedregulho, uma corrente, uma namora, um bidé, um lavatório, uma laambreira e uma porta.

Se eu tivesse mãos de pastilha conseguiria chegar mais cedo à escola porque eu esticava as minhas mãos e colora-as na escola e depois ia logo para a escola.

19/11/2007 Diogo Sousa

Carinhoso

Uma vez quando ia para a escola vi um gaxoto, aproximei-me um pouco e com cautela. Ele parecia estar doente mas tinha mãos assistorísticas.

No dia seguinte voltei a escola, estava a trabalhar mas era muito carinhoso. Ele foi pedir ajuda ao esforço, lá o diretor o arreitou. Passado alguns dias voltei-o e a vez ele tinha sido adoptado e agora tinha uma família e estava feliz e contente.

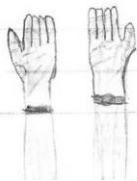
João Bicudo 5ª F

das mãos da melhor amiga

As mãos de quem eu gosto são as da minha mãe.

São macias, são bem tratadas com creme, tem mentes, não por onde passa a água quando lava as mãos. É com elas que me acorda, é que com elas que me bate quando me porto mal, é com elas que me dá todas as manhas um beijinho.

As mãos dela são de Deus, porque metem roupa a lavar, é com elas que faço almoço e jantar. São tudo com elas. A minha mãe tem umas mãos que trabalham muito não sei qual é o segredo que ela tem nas mãos, mas sei que tem as melhores mãos do mundo!!!



Bruno Neves | 5º E
N.º 6

Se a minha mãe tivesse mãos de vento

Eu gostava que a minha mãe tivesse mãos de vento, assim já não me batia muito.

Se a minha mãe tivesse mãos de vento assim não podia trabalhar porque não tinha força mas as mãos da minha mãe se fossem mágicas já não havia problema.

Se a minha mãe tivesse mãos mágicas ela tinha as mãos assim: lá dentro da mão tinha uma fada que lhe transformava a mão de vento para mãos de ossos e de pele e havia outras fadas que lhe transformavam a mão de ossos e de pele para mãos de vento.

Se a minha mãe tivesse mãos de ossos e de carne acho que era melhor além de me bater já poderia trabalhar, já podia me dar abraços, já podia fazer que não fazia com as outras mãos.

Eu gosto muito da minha mãe assim bonita como sempre.

Carina

das mãos de chocolate

Se eu tivesse as mãos de chocolate quando estava nel elas derretem.

Eu não podia escrever nem lavar as mãos com água quente. Quando estava nel eu tinha de pôr as mãos na água gelada. Não podia comer tinha de segurar o copo com as catavelas ou dar-me alguém de comer e beber era muito difícil. Quando ia para a cama sujava os lençóis. Não podia ir de férias ou para a praia no Verão.

Não podia abraçar os meus amigos e não podia jogar computador ou gambôy. Não podia fazer festas ao meu cão Dak, se não comia-me as mãos e não podia colher flores se não esmagavam-me das mãos e lá quando tinha fome até eu comia.

Não queriam ter mãos de chocolate porque é muito difícil e podem as comer.

Eu prefiro ter as mãos que tenho

Ama

5º E



**3.2 – Textos elaborados a partir de “Carta da Infância”,
Carlos de Oliveira**

Uma carta a Saturno

Olá amigo!

Sens feito muitos amigos aí em cima?

Senho andado muito cansado,

Sabes, a minha mãe quando se casou pediu um anel de Saturno para pôr no dedo! gostaria de lhe dar um porque eu quero dar-lhe uma prenda fabulosa!

Será que me podes enviar um dos teus?

A minha mãe ficaria muito feliz!

Stas a que estou eu a dizer? Os teus amigos fentemem aa espaço!

Que tal estão os os teus amigos estelados?

Espero que estejam bem!

Sabes, quando for crescido já não vou poder falar contigo.

Porque vou ser muito grande para falar com planetas!

gostaria de ser astronauta assim poderia visitar-te) todas as semanas.

Sim, eu adorava ver-te a ti e aos teus amigos.

já sabes que Plutão vai deixar de fazer parte do sistema solar?

É uma pena, vocês devem ser grandes amigos.

Adoro escrever para ti mas eu tenho de dormir,

Sanharei que fui ao espaço e joguei à bola contigo.

Saltarei de estrela em estrela para jogar à macaca.

Boa noite!

26/11/2007

Uma stargavida 5^o F

ola sal estar bom?

eu gostaria de te dizer que eu estou muito triste, estou fealdado no meu quarto sem ninguém.

Senho de estuda e

Sen ti não conseguiria ver as letras que agora estou a ver.

Um dia gostaria de te te visitar se tu não me esqueceres e se o meu pai fosse estranho já te tinha visitado há muito tempo.

Deo te esquecer que eu vou ser astronauta e daqui a alguns anos vou-te a visitar de longe.

eu serei sempre o teu melhor amigo, nunca vou falar o ambiente assim não te vou prejudicar e vou dizer a toda a gente para não darta lixo para o espaço nem deita fogos.

Eu es a luz que nos ilumina a todos.

Nunca te esquecer que eu serei o teu melhor amigo.

plaus!

Amor dia!

Bruno Miguel exameia sala 50 F

Como seria o núcleo com
você?

O núcleo era muito forte, com um
buxaco na cabeça, corça feita de
pedra; braços de pedra pernas de pedra.
Tinha olhos pequenos, era castanho e amarelado.
Tinha o queixo redondo.

Ele era alto, gordo, musculoso e atrevido.
Ele era alegre, brincalhão, feliz e meigo.
Quando lhe batiam, para lutar
era um pouco agressivo e ficava
irritado.

Mas quando queriam brincar com
ele, era muito carinhoso e simpático.
Estando desatento com quem gostava dele
e quando estava surpreso. ~~M~~ Melodia e ditona

lavra foi toda o lado.

Quando tinha uma ideia deitar um
bocadinho de lava.

Eu adorava ter-o em minha casa,
mas se ele tinha uma ideia ou
ficava furioso queimava-me a
mim à minha irmã, à minha mãe
e ao meu pai e a minha casa também
em.

Amiga Travessada

Olá amiga travessada, queria
pedir-te para me viras aqui
tar, mas não faças estragos.
Pois ser a minha casa. amor

Chegastes lá um tempo não
muito barulhento. Pais-me de
vez às vezes não vais? Pai
ser super divertido. Bem lá
já à noite, depois no dia se
quinta terça-feira, vamos à
inauguração do parque da
Rio Eliz, mas que pena te
meo de ti, não vais poder
andar em nenhum balcão.
Se não te apetecer ir ao
parque, eu também não
vou. Vamos esquecer as coi-
sas más e vamos passar à
ação. Vamos ter com as meus
amigos, mas não os assuntos.
Vamos todos passear, beber um
sumo e depois vamos brincar.
deve para, chega a noite
e tu tens de te ir embora,
mas vou ter saudades tuas.
Para o próximo fim-de-se-
mana também quero que te
veas, existe? O próximo
fim-de-semana ainda mas

vamos divertir mais. Adeus,
espero por ti, um grande
beijo amiga travessada.

M. et. 5.º F

A pessoa de vento

Em um dia de Outono conheci o vento. Ele adorava brincar e por isso chamei-o de Brincalhão. Brincoso feliz, alegre, sorridente e sempre bem despojado.

O Brincalhão quando estudava para os testes de avaliação, ficava com um ar de zangado. Ele preferia ir brincar para o quarto, para a sala, para a rua, para todos os lados menos estudar.

O dia em que chegou o teste de avaliação de Língua Portuguesa, o Brincalhão ficou satisfeito. A mãe quando assinou o teste, não ficou muito contente e obrigou-o a estudar mais.

O Brincalhão normalmente usava o cabelo espetado, porque não se sujeitava a tê-lo liso. Vestia-se muito extravagante, para impressionar os raparigos.

Ele nem era gordo nem magro e, era alto com uns dentes em forma de muelas.

Um dia veio a descobrir que o Brincalhão, ia mudar-se de escola. Eu e quase todos os meus colegas ficamos tristes, e perguntamos-lhe se era verdade. Ele respondeu que sim, que era verdade. Mas quando os pais foram os pais, que queriam voltar para a sua terra no Algarve.

Quando acabou o 5º ano foi-se embora. E eu nunca mais conheci uma pessoa como aquela, (do vento).

Data: 26 de Novembro de 2007

Beatriz Silveira Oliveira Fonseca
5º F

O Mercúrio.

Se eu fosse a mercúrio gostaria de falar com ele, deve ser quente, grande e um bocinho zangado e mais.

Não deve ser muito bem disposto, está sempre apertado e esalado, pobre coitado, não tem ninguém que lhe possa proteger, não consegue ir à praia, de nevitar-se de água e isso era difícil. Um dia ainda se zanga e manda uma bola de

fogo ao planeta que tem mais seres vivos porque os seus irmãos não têm a dignidade do mundo cá um dia Mercúrio diz para o seu pai: "Pai Universo não é justo ninguém cá sem o nome Terra é o mais mistado não percebe sou eu e o meu planeta mais do que a contraria. Estão sempre a dizer que sou raramente e tenho razão um dia zanga-me a sério." E assim o pai Universo ficou a pensar e disse ao seu irmão Vénus para o animar porque só ele é que o animar conseguiu fazer-lhe. *Claudia Antunes 5º F*

11/12/2007 Ricardo Moreira

Se a neve fosse quente, ela teria
já conseguido viver no Inverno,
porque na Primavera e no Verão
erra pensa devotio. Só tinha uma
oportunidade para não derreter na Primavera
ou no Verão: pôr-se dentro do congelador
mas também só se dividia ~~em~~ em
bocadinhos e porre em pedaços de plástico
porque se não não sabia no congelador.
Depois tinha de cá ficar fora do congelador
a derreter e só quando vinha o Outono ou
o Inverno
e nevava é que ela podia voltar a viver.
Eram feitos com bonecos de neve com botões,
fatos de olhos e para a camisa, uma lençola
para o nariz, um cachecol para não ter
frio a garganta, uns paus a fazer de
braços e uma vassoura e também
um par de pernas de pau.

A neve é magra, elegante
tem cabelos compridos e encaracolados.
O rosto é lizo.
A testa é alta.
Os olhos são delicados.
As sobrancelhas bem desenhadas,
as orelhas pontuadas e arredadas e
as lábios vermelhos.

Ela é alegre, feliz e bondadosa.
Ela é para as fofas.
Ela é minha amiga e eu amo tanto dela.
Eu brinco com ela.
Ela é a minha melhor amiga.
Eu não paro o sus com ela, bem aparelhada.
Porque está a neve lá fora.
Eu gosto dela porque ela também gosta de mim.

certa manhã, sei que estava sol e ela tinha derretido.
Eu fiquei muito triste,
mas percebi que era neve!
• Onde aí eu fiquei mais só.
• Mas, quando voltou a neve fiz outro boneco de neve.



adora: Ana Patrícia Martins Rebelo.

5^ªE

Ola flor!

Eu sou a Anis estou a estudar para o teste de Ciências da Natureza ajudas-me?

- Sim

- Então, as passaros são revestidos por quê?

- Por penas!

- Isso mesmo!

- Como é que tu sabes?
tu nem tens escola?

- Tenho tenho, até tenho testes como tu!

- Como?

- Então são os caracóis professores que nos ensinam!

Depois de falarmos e estudarmos juntos comecei a chover e eu fui-me embora.

(Pegadas)

3.3 – Textos elaborados a partir de “Algumas proposições com pássaros e árvores ...”, Ruy Belo

O que dá o braço?

O que dá um braço?

Muita coisa

Um braço dá uma mão

E uma mão dá os dedos

E os dedos dão as unhas

E se compararmos o corpo a uma árvore?

Imagem...

O corpo é como um tronco de uma árvore!

E os braços são como os ramos...

E os dedos podem ser uns ramos ainda mais finos

As nossas pés até podem ser a raiz

As nossas mãos emanam dos braços...

Podem dar muita coisa...

Podem bater palmas, ou fazer um gesto gentil...

Bem... Também podem dar estalidos e palmadas.

Da batida até dão uma pinta...

Dão um aperto de mão para cumprimentar alguém!

Podem equilibrar os artistas a fazer o fino.

A palavra «dar» dá muita, muita coisa.

Ana Margarida

Fernanda Figueira

Henriques

5^ºF

O mar

O mar dá filhas no seu interior

Dá estrelas como o céu

O mar consegue dar coisas que ninguém viu na vida

Será que também dá ondas?

Quem será ele a pensar?

Gostava tanto de ser filha do mar

Emanar do seu interior

E ser um daqueles animais enormes

Conseguir nadar por aqueles caminhos longínquos

Ver os barcos, nas suas viagens e falar com

Gostava de ser aquele animal que tem um

E comprido e engraçado, amigão e divertido

E como vêem é assim o mar

Mas ainda faltam muitas coisas por descobrir

Vou tentar investigar, para depois vos contar.

Beatriz Silveira Oliveira Fonseca
5^ºF

As nuvens dão...

Sofia

As minha queridas nuvens

que são de algodão

dão umas bolinhas pequeninas

que parecem de Ping Pong

elas caem do céu

Vão fazer o chão onde caírem

As nuvens dão coisas frias

parecem que estão tristes

tão tristes que choram

no outro dia essas lágrimas

evaporam e elas ficam felizes

As nuvens dão bolinhas de algodão

parece que as nuvens se desfezem

caem fora o chão

No outro dia...

com essas pedações de nuvem

fazem-se lindos bonecos - de - Nuvem

5^ºF N^º 17

O que dá um mergulho? *

Um mergulho pode dar medo e pode dar também muita alegria.

Um mergulho é também uma surpresa porque ao mergulhar na profundidade da água posso encontrar um lírio-mar, uma estrela-do-mar e até posso encontrar uma prancha toda tatuada de um surfista profissional que a deixou ao mar para agradecer a alegria que o mar lhe dá ao cair da prancha e dar um mergulho à toa.

Um mergulho faz-me sentir alegre e também faz-me relaxar como se estivesse estendido num daqueles bancos da praia com alguém a fazer-me uma massagem.

Um mergulho é como uma águia a caçar uma presa para os seus filhos, vai acima e depois na vertical desce a toda a velocidade.

Um mergulho é uma coisa fascinante. 9/1/08 Daniel

Olá minha amiga rebea.

- Amigo Ricardo.

- Que me queres?

- Não me fizes mais.

- Ah! desculpa.

- Todos os dias garotas da tua idade me fixam, elas atiram pedras contra mim. As cães quando cá vêm enchem-me de fofocaria e ficam com cheiro que brava. As corta-rebas cortam-me sem sentirho ao chão. Quando vem o verão a minha pele seca. Quando vem o outono as folhas caem em cima de mim, apesar de lhes magoam-me muito.

- Então qual é a estação do ano que mais gostas?

- A estação que mais gosto é a Primavera.

- Então porque?

- Porque na Primavera as flores nascem ao pé de mim e encantam-me com o seu cheiro belo e também porque nessa altura a minha pele fica verde. Por isso me magoam mais.

- Esta bem de agora em diante vou ser o teu protector.

- Obrigado! És um grande amigo.

26/11/07 Ricardo 5º F

Um Livro

Um livro da imaginação
Para lá da fronteira da nossa mente
Uma história e creches
e os sentimentos que nos dominam
Para esquecer coisas
que ninguém saberá
Se não tiver imaginação
É como também na fantasia
Das falhas do nosso coração
Eu ler os livros
Na biblioteca da nossa imaginação
Um grande corredor na nossa imaginação
Que ninguém lá irá
Mas toda a gente a pode ter
Pois basta respirar nas asas da fantasia
nos campos cheios de amênis
falhar o nosso coração-

Claudia Antunes SF

A Terra

Da terra emanam milhares de animais
Ela reproduz pessoas para dar tristeza
Por veres para dar alegria
Umas não mais felizes, outras tristes, outras nos
pobres enfim milhares de coisas.
Não podia - mas ser todos iguais
todas tristes ou alegres ou soltas
Se ~~fora~~ fossemos bondosos uns como os outros
E nem fossemos nem ricos nem pobres
Era muito melhor, ver todos felizes
porque ver todos tristes era uma derisão
Se todos as pessoas fossem respeitadores
era uma alegria que quase não cabia na terra.

Claudia Antunes SF

A água

A água dá para beber,
dá para tomar banho.
dá para lavar quase tudo.
A água dá para as pessoas se divertirem.
A água dá a vida
a todos os seres vivos.
A água parece magia
entramos sujos e saímos a fiavelha.
A água faz o corpo, faz o corpo humano.
A água lava a roupa, os frutos, os vegetais,
a roupa e lava os olhos sujos.
as plantas e a natureza alimentam-se da água.
Ninguém consegue viver sem água.

Bruno Miguel Aguiar Silva 5^º F

Como seria a neve se fosse uma pessoa

Se a neve fosse uma pessoa ela tinha um penteado moderno, porque andava sempre com ele espetado, tinha os olhos esbugalhados com o ar de estar sempre estupefata com algumas coisas, com narizinhas grossas, olhos de macaco, com a testa enrugada, com o rosto oval e com o nariz achatado. Tinha uma boca com grandes dentes e com lábios finos e de cor vermelha, a queixo quadrado e com uma perna muito esquelética.

A sua altura era alta e musculada, diante e muito caneluda com nariz de conquistador.

Esta pessoa por vezes era muito fina. Não andava sempre a rir e na brincadeira mas quando a chateavam ficava muito sangado, corado e por vezes muito agressivo.

Nu que toca a trabalhar era sempre puntual e cumprido de seu serviço.

Pedro Oliveira
5º F

A imaginação do

A imaginação do e luz

A imaginação do e a criação de algo novo.

A imaginação da asa para nos

A imaginação do e a liberdade ou escusa

e que queremos ou o que queremos.

A imaginação do e a liberdade de pensar

A imaginação do e a escrita.

A imaginação do e as letras do alfabeto.

A imaginação é uma coisa selada dentro de nós.

Uma cabeça pensadora

Uma cabeça pensa.

Dá cabeças.

Deu-nos uma boca,

um nariz, um ouvido,

uns olhos, uma testa,

um queixo e uma bochecha.

Uma cabeça dá nos um

cerebro que nos dá

imaginação e o que nos

dá informações, como

uma máquina que

nos dá informações por

mexer os braços,

as pernas e o resto

do corpo.

Duogo Demoa.

5º F

O rio

O rio da água

água incolor e insípida

a água corre ao longo do rio

às vezes transbordada

e aí rega as plantas,

que as faz crescer

a água do rio é doce.

É como um rebuçado

é boa para beber

a água do rio faz bem à saúde.

A água do rio permite nos andar limpinhos

Na água do rio fazem brincos com os meus

amigos.

O rio é importante.

5º F David Julio

A escola

A escola dá alunos novos.
A escola dá aprendizagem.
A escola dá novos amigos.
A escola dá o tempo de estudar.
A escola dá coisas importantes.
A escola dá cursos.
A escola dá vida.
A escola dá bons professores.
A escola dá apoio aos que precisam mais.
A escola dá leitura.
A escola é a melhor coisa que há na vida fora e neste futuro.
Porque sem estudos não se faz nada na vida.

Bruno Nunes 5^o ano

A amizade

Os amigos são como uma família importante.
Fazem-nos sentir bem quando estamos tristes.
Com os amigos podemos brincar imenso.
E passar um fim-de-semana divertidos.
Os amigos servem para nos divertirmos.
Os amigos dão-nos muita felicidade e a amizade é muito importante para nós.
Os amigos gostam muito de estar conosco.
Não desperdiças a tua amizade.
Ter amigos é ótimo.
Os amigos fazem-me sentir feliz.
Os amigos são a melhor friends que há.
A amizade é mágica, assim os amigos

Marta 5^o

A escola

A escola dá muita inteligência.
Dá amigos, dá professores, também dá alunos.
Alguns alunos são inteligentes, outros são burros.
A escola é uma coisa boa!
Dá alegria, mas às vezes quando alguns alunos tiram mequinhas ficam tristes.

Paulo Guchta

3.4 – Textos elaborados a partir de “Barca bela”, Almeida Garrett

Palavras escondidas

Num diamante, encontrei o escaravêlo,
onde estava na rapaz da evilha.
Contavam os chaves, o espátula,
no seu pele e no seu triângulo da evilha.

O escaravêlo cantava pela ave,
como se fosse uma criança recém nascida.

O meu coração saltava como uma
bola de pingo pingo,
era uma encantada sentimental que
sentia pelo escaravêlo.

Albata para a sua casaca e parava
para pensar,
como aquela casaca era de um meus.

Disseram-me os chaves que o
escaravêlo,
fora um ávido de riquezas.
Abri frasei moçada por causa daquele
escaravêlo.

Deixava água pelos repêlos a baixo.

Mas parei para descobrir que aquele
escaravêlo,

não merecia a minha migalha por ele.

Esqueci-o e nunca mais volti à quebra evilha,
com rezo que o escaravêlo há tivesse.

Beatriz Silveira Oliveira Fonseca
5º F

A balada de rimas

Fui a uma igreja.
Fazer uma oração.
Com toda a faixa.
Dentro do meu oração.

Deu faí faí a uma ilha.
colher uma evilha
apanhou um repêlo
do tamarco de um alho.

Quando cheguei.
Estava escondido.
Do armonio e.
deu firmo dúcia.

Para cantar.
E fui chamar.
A minha amada.
que logo ficou encantada.

Do meu safado encantada.
Encontrei um foto
cheio de foto como o Ymirite

Fui brincar faro a sua
A fogar uma fatalidade
Pode um vidas com uma balada.
E depois miti-me numa abada.

Quando valdei fara para.
comecei a exercer.
Ditos que fiz a rima,
Para vos fazer parar.

Picando 5º F

Palavras entre palavras

alho o palhao com sorriso de out.

Ele onda no o contor e o póssor.

Louro vou te dar um baixo do meu ovo.

Bescai um bo calhar e encontrei um calhar.

Da teu rezo sente-se um grande fo.

É na meio que se mette o químico.

Eu gosto de amar quando estou no pe do meu.

Eu almoço com um meio.

A gata faz um grande ganapado.

No lido das aves levaram os chaves.

O casaco está dentro do so co.

O meu pai gosta da minha mãe com paixão.

Luana Amaral

A senha e o pescador

Diogo e o 306

O pescador ficou e a senha também.

Os dois viveram ao pé do mar e fugiram ali uma casa de folhas secas e com madeira. Ela ia ao fundo do mar buscar peixes e criaturas pequenas.

Quando chegava a hora da refeição, a senha ~~foi~~ punha a mesa; a bolha era... algas e os frutos eram conchas. A senha enviou a mulher e o pescador e assim os dois, à noite, mudaram lá. No fundo do mar, havia corais, florestas de flores e de algas e muitas espécies de peixes. ... Certo dia, a senha casou-se com o pescador porque ele nunca a deixava em casa.

A senha fugiu e o pescador não sabia para onde ir. Sem pai, sem mãe e... decidiu ir para casa da sua família, mas eles também deixaram estas atividades com ele. Mas o pescador foi a ~~lutar~~ porta e abriu um homem alto e magro. O pescador perguntou-lhe onde estava a sua mulher, mas ele não o deixou entrar porque a sua mulher já tinha ido viver para outro lado. O pescador ficou muito triste, ele foi-se embora e abandonou a sua própria vida.

Hoje um novo rapaz
Foi apanhar a flor da faz
Nessa flor havia um tesouro
Tinha uma linda cor-de-ouro

Ele foi ao quintal buscar um refalho
Mas ~~viu~~ o olho
Abriu as asas
Perdeu as chaves

Ele lembrou que era um gurgulho
Filho de um rei
Mas tinha de ir para a escola
Ele foi para a escola estudar estudar até ~~caer~~ a ~~tbl~~.

Diogo Alves 5º F

Palavras escomelidas

O aveludado
faz um bazulimbo
quando eu estou na cave
ao pé da fiada.

Apetecou-me os remos
e vi uma atordoz a passar.

Comecei a for fome e comei marinada
Cheirada a marada um chão muito suado.

Adormeci e quando dei por mim
estava movimento na cave.

Diogo Alves
5º F

Fui a um
sapateiro vi um
foto de velho
alto.

O chefe era
um rapaz
chico de
faz.

Fui à chupa
vi um abito
numerada com
a mãe.

Eu gosto
de
adorar
o ar.

Cheguei a casa
a Margarida
estava na ilha
para a patelha.

Bruno Miguel Gomes da Silva 5^ºF

Alhei para o
cear vi um passado
na a veer, a veer,
a veer.

Papaz vai em paz
leva este calção
para a escola
ai não esqueceres de cobo

Papaz vai em paz
leva este coroso
que passo em caso
para o teu cão teimoso.

Papaz vai em paz
leva esta ave
que é tão suave
à tua paixão
que está no teu coração.

Papaz vai em paz
vai ao restaurante chinês
da dona Inês
que é na sexta de que

Papaz vai em paz
ajuda a levar este calção
que uma velha Inês
papaz vai em paz. 30/11/08

At Pêssia

Eu ao levantar visto sempre a camisola
das quando me vou calçar
Lá de tem sempre um fecho de cabelo.

Eu quando saio de casa
nego sempre um leuto
mas ele anda sempre
à procura do ouro.

O chinês apontou um Pis teta
à tela da Inês
mas a Inês com medo
foi para a terra do leuto.

Eu quando vou ao corca
Le talha ças
de têm muita graça
O Palhaças era um rapaz
com muita paç.

O Meu amigo eláris
vai sempre ao omário
busca o Serpente e do
repente encontra
um dente.

Eu às vezes sou
um Barcelho
O médico dá-me
sempre um
remédio
Para curar a ma
elha.

Pedro gabriel
5.ª N 17. J.

3.5 – Textos elaborados a partir de “Ai flores, ai flores do verde pino”, D. Dinis

Anore, será que a água tem vida?
Tem sim, Tem sim, Tem sim.

Será que os peixes vão morrer?
Estão vivos, estão vivos, estão vivos.

Será que os campos estão verdes?
Estão sim, estão sim, estão sim.

Será que as pessoas estão a deixar menos
lixo por o chão?
Há menos lixo no chão.

Há menos poluição?
Há limpeza.

Bruno Miguel Gonçalves Lobo 5^º F

A amiga Natureza ^x

Chusa, chusinha tenho um problema,
chatei-me com a minha melhor amiga.
Encontrei uma moeda de 0,50 centimos,
quando a lhe mostrei, disse-me que era dela.
Eu não acreditei e fiquei com o dinheiro,
ela aborreceu-se e ficou o resto do dia
nem me dirigir a palavra e sem me olhar.
No fim dos aulas fui para casa muito triste,
e por fim encontrei-te aqui na rua.
Quero-te pedir ajuda, minha amiga chusa.
Será que ela quer ser minha amiga outra vez?
Não sei o que fazer. Podés ajudar-me por favor?
Tu me perguntaste, se ela te quer como amiga.
Não te preocupes com isso, ela te quer como amiga.
Só que tens de lhe dar o dinheiro,
por isso põem-te a caminho e faz os pazes.

Beatriz Silveira Oliveira Fonseca
5^º F

O arvore eu perdi o meu amigo
amigo, o que é que eu vou fazer?

Eu não o vi, mas acho que as flores
viram, vai-lhes perguntar

O flores eu perdi o meu amigo, vocês
viram-o?

Não mas as nuvens podia ver,
elas estão muito alto, vêm tudo,
vai-lhes perguntar.

O nuvens viram o meu amigo?

Sim, olha-o ali a brincar na
relva.

Paulo

buchka

Jarvinha de flores que és minha
amiga

Jarvinha de flores que és minha amiga
Onde está a minha companhia?

Su me perguntas-te pela tua companhia
Está a chegar não tarda nada.

Este era o sitio combinado
Mas ela desaparecer e estou assustado
Será que ela se perdeu?

Ela está no caminho certo
Não fiques assim que ela está perto.

E se ela não gostar?
Serei pessimista ou ela não vai chegar?

Ela vai adorar
Está á tua frente para jantar.

Ana Margarida

5^o F

3.6 – Textos elaborados a partir de “Namoro”, Viriato da Cruz

A minha carta

Mandei-lhe uma carta
Com cheirinho a flor
Ficou espantado
Olhou aquele cheirinho
~~mas ela~~ Mas, mesmo assim não me quis!

Também outra vez
Com um cartão
Nem quatrado sim e no outro não
Ela pôs uma cruz no mão
Fiquei triste, não tinha mais ideias

Mandei por correio
Uma caixa bonita
Com um verso de Pedrinho
Mas ela era esparta!

Puz-me a pensar
O que ia fazer
E tive uma ideia
Fui falar com ela
mas não me abriu a porta!

Mandei-lhe um cartão
em forma de coração
E finalmente
ela disse que sim
ela disse que sim...

Claudia Antunes

A minha canção

Mandei-lhe um e-mail
pelo meu computador
dizia que se tinha
um sorriso carinhoso
um cut... meligo
Um aspecto luminoso
Como um dia de esteio
brilhava nas escuridades
com as... queridas.
num desejo de paixão.

Sua pelo bilhous
a minha também
com a quem está apaixonado
a boca e no estado, a minhas
dermos um beijo
lá, lá, lá, lá
lá, lá, lá, lá
Ficamos felizes e esodas!

A Conta

Mandei-lhe uma mensagem pela telemóvel.
Perguntava - lhe se queria ser minha
amiga ou minha namorada.

Respondeu-me que não às duas perguntas.
Oferecia - lhe uma flor, uma rosa vermelha,
Rosa do amor, junta - lhe um poema revelador.
Ela descolheu - me a rosa e o poema.

E trazia uma mensagem:

"Deixa - me em paz!"

Fiquei muito triste mas não desisti.

Na outra noite fiz - lhe uma serenata
toquei essaquinha e cantei:

" Maria, minha flor, Rosa vermelha
da cor do amor.

Desce as escadas e dá - me o teu
palco..."

(ela respondeu - me)

- Vai - te embora e deixa - me dormir.
tinha outra ideia...

Havia baile, fui ~~dancear~~^{dancei} com ela
dameámos, danceámos, danceámos...

Pedi - lhe em namoro e ela disse
que sim.

Vivemos momentos lindos...

A mamadeira

Mandei-lhe uma caixa
a marcar um encontro
para lhe perguntar
se gostava de mim
e ela disse que não.

Mandei-lhe um ramo de flores
flores coloridas e perfumadas
com perfume de mulher.

Quando o secador
ficou encoberto

Deu o secador
que estava no meio
das flores perfumadas
que eu lhe mandei

Estava um coração
no meio do secador
perguntando se queria
mamadeira.

Num quadrado de sim/entre nós

Ela disse que sim o
ficamos muito felizes
fare sempre unidos
sem nos separarmos.

Bicardo 5º F

Um poema para ti

Mandei-lhe um mail
pela internet com
versos e problema foi
que o net se apagou.

Mandei-lhe um recado
por uma amiga
saltei de pulos porque ela
estava toda vermelhinha.

Mandei-lhe um cartão
tudo bonito com flores
e corações vermelhos carregados
que a tã a minha coroa
me borrudou.

Numo

Agora vou dizer Amoral

O dia dos namorados

Mandei-lhe uma carta escrita à
mão. Escrevi muitas coisas bonitas
com letras bem redondinhas e
bem bonitinha. Lamecei a dor
flores até me partir bilhantes e
toque, fiz-lhe canções e poemas
e outras coisas bonitas. Lamecei
bonitas os poemas bonitos.
Um dia encontrei na escola ela
diz - me não gostava de mim
e eu tentei conquistá-la. Ainda hoje
não sei se ela gosta de mim
Dizjo Dizjo

A mensagem com amor

Enviei-lhe um e-mail
A dizer que a adorava
E respondeu e eu fiquei toda corada

Pelo telemóvel
Uma mensagem lhe enviei
Ele adorou
E eu adoro-a também

Ele deu-me uma flor
e eu varias mensagens
Ele olhou para mim
e outra lhe mandei

No cacifo dele
Uma motinha deixei
deixei para o meu amor
E feliz eu andei

Ele me aceitou
Depois de as ler
Uma unica mais
ele vai ver

Enviei-lhe com amor
uma foto de nós dois
Estavamos a sorrir
e encontramos-nos depois
e encontramos-nos depois
e encontramos-nos depois
e encontramos-nos depois

Ana Margarida

A conquista

Um ramo de flores.
Lhe vou dar.
Com rosas frescas
a brilhar.

O seu coração
quero conquistar.
Dia e noite
sem parar.

Um poema,
uma declaração.
Espero muita emoção
deixe belo coração.

Uma caixinha
com chocolates
Para nós comer-mos
ao Pôr-do-Sol.

Um beijinho,
um oi-coração.
Seu grande alegria
começamos a mamarar.

Espera e a sério
que grande mamora
esta tanto dela,
ai, é o amor.

Marta 5º F

O e-mail emagimado

Mandei um e-mail
ao meu namorado
ele abriu o computador
fez um espantado.
Vidi a mensagem
a mensagem da de amor.
E então descobriu logo que

Respondeu à mensagem
com duas linhas
dizia uma coisa
que me surpreendeu.
Dizia que não
e então respondeu:

O meu amor
por ti é a sério
mesmo não gostando
não vou existir.

No dia seguinte
mandei-lhe outra
que dizia:
O meu coração
está a rebentar
se não dizes
que sim
começo a chorar.

Ele respondeu:
não vais chorar!
Ven namorar!

13-2-08 Daniel

Dei-lhe a mão
e ela deu-me o coração
para o cão
deu-me um empurrão.

deu-lhe um cartão
ela deu-me um cartão.

Fui ao café deu-me
um café.

Fui para casa com
a casa inchada.

Mandei-lhe uma mensagem
com muito coração sabendo
que me responderia?
Que quis namorar comigo.

Fui outra vez ao café
deu-me um leite e
a malta gritou
aí brando.

Fui para casa com
a minha namorada
a dançar o
fado e ela gostou.

Ena

O meu amor

Mandei-lhe uma carta em papel florido com perfume de rosas que dizia:

"Estou apaixonada por ti com se me fosses a pescar num rio".

Enxiei-lhe um papel dobrado em forma de avião e foi diretinho a ele que dizia:

"Gosto de ti não como amigos, mas sim como amor".

Escrevi-lhe numa cartolina vermelha e com alguns desenhos, fui mais cedo para a escola, para a fixar no polivalente que dizia:

"Amo-te como tu já deixas saber, gosto de ti não porque és bonito, mas porque és um rapaz simpático e brincalhão".

Mandei-lhe um cartão pela Inês que dizia:
"Num lado se queres ser meu namorado e no outro se não queres".

Ele respondeu felizmente que "sim", fiquei tão contente que até parecia que o meu coração ia explodir de felicidade e assim, depois de tantas tentativas a resposta foi "sim".

Beatriz Silveira Oliveira Fonseca
S=P

A Carta

Mandei-lhe uma carta a dizer que te amava.

Perguntou-lhe se o amava ela disse que não.

Ele deu-lhe um perfume e um animal. Ele adorou mas mesmo assim não a conquistou.

Num baile de máscaras ela foi de púter e ele de príncipe na, na, na, na, na, na.

Dancaram os dois.

Foi neste momento que o beijou. Ficaram felizes, felizes para sempre, casaram-se e tiveram três filhos.

um parecido ao pai e os outros dois a mãe.



Dia dos Namorados

Estava um dia de estio
quando encontrei a minha alma gêmea
eu queria dizer-te que gosto
muito de ti

Esta carta é para ti:
Quando te vejo
os meus olhos brilham
cheios de alegria.

O teu sorriso é doce,
como o sangue que circula no
meus corpos,
o teu cabelo é como um catimedo

- Os teus olhos brilham
- como duas estrelas brilhantes
- a tua cana é redonda como uma
- maçã vermelha.

Andreia Mendes 5º E

Mandei-lhe uma mensagem pelo meu
telemovel, com letras perfectas,
disse-lhe que era bonita,
cheirava a rosas, tinha pele macia,
tinha um sorriso luminoso, mas ela
respondeu não.

Mandei uma mail pelo internet
disse que era muito inteligente, que
gostava dela mas ela respondeu não.
Mandei-lhe uma carta a dizer que
eu gosto dela e não consigo viver
sem ela, mas ela respondeu não.

Paulo
Buchta

A carta de Amor da menina

Obrigada pela flor
e pelo carinho
foi muito querido!

Não me causeste dor
Ao ofereceres-me um flor
Foste um amor

A flor tinha
petalalas vermelhas
cor da amor

Tinha o talen amarelo
a cor da amizade

Tinha a cor verde
que me deu esperança

Fizeste-me sentir
uma flor na Primavera
o sol de um dia estivo

Fizeste-me sentir
uma folha vermelha, amarela
& castanha na Outono
e uma bola de neve na Inverno.

Sahig

5º E Nº 17

A carta perfumada

Randei-lhe uma carta
em papel perfumado
o papel perfumado cheirava a
rosas

E na carta estava escrito
"se os teus pais permitirem a começar
a namorar"
E os pais disseram que sim!

Eu eu levei ao campo
deitei um ramo de flores
e ela depois deu-me um beijo que
sabia a azeite

depois fomos a um bar
a beber um sumo e comer.

Depois levei a casa
e foi aí que conheci os
pais dela.

Diogo Miguel TAVARES 5º F

A mensagem

Mandei-lhe uma mensagem por telemóvel
Ilustrei-a com um boneco e uma flor
Ela não me respondeu.

Mandei-lhe uma carta
Disse-me que ia pensar
No dia seguinte, marcámos um encontro
Apresentei uma flor e a minha
Coleção de livros favoritos

Mais tarde, ofereci-lhe um colar
com metade de um coração
A outra metade tinha-a no meu
pescoço.
Ela aceitou namorar comigo
Dançámos num baile
Dançámos, dançámos...
Parecíamos duas estrelas apaixonadas
e alegres.
Dois estrelas no céu a brilhar.

3.7 – Textos elaborados a partir de “O Tesouro”, Eça de Queirós

E' meu!

Era uma vez duas amigas hienas que faziam sempre tudo juntas. Um dia viram um javali muito apetitoso. Elas puseram-se em posição e começaram a correr para ver se o apanhavam. Enquanto o javali corria, escurtejava e apanhavam-no. Uma das hienas deu uma dentada à outra hiena e ela morreu.

Quando a outra começou a comer o javali sentiu-se mal porque o javali estava doente e assim nem uma nem outra ficou com o javali.

Cegados não sabem de nada quando há que algo fazer todos.

Ruina

Era uma vez uma mulher chamada Teresa que trabalhava como uma editora de Imprensa. mas, de ganhas o dinheiro não deixava de trabalhar.

Com esse dinheiro todo, comprou duas casas, ea toda uma da outra em uma cidade em todo. Compara com uma, um arca... Mandou construir discotecas, casas e outras coisas que não necessitam.

A Teresa ao ajudar a família e amigos e a namorado acabou por os perder. Sem os trabalhos começou a perder toda a que tinha. Quando perdeu toda perdeu a família, os amigos e o namorado. Como ela se referiu a todos eles também a referiram. E ela não perdeu todo ficou em dívida e voltou a trabalhar e começou a dar volta a família, os amigos e o namorado e com a sua suspensão todos eles a desolaram.

Quem tudo tem
tudo perde.

Bruna Pires

O egoísmo!

Era uma vez, três reinos e os três reinos eram governados por três reis. Um chamava-se Tornado outro Cielmo e o outro Remoimbo.

Um dia uma notícia inesperada veio ter a todas as reinos.

O criado do Tornado disse:

- Sua alteza real há um enorme tesouro escondido no cimo das montanhas dos segredos.

Cada notícia decorreu por os três reinos.

Tinham passado dois dias quando os três reis decidiram ir atrás daquela tesouro escondido de que todos falavam.

Cada um foi por seu caminho, cada caminho tinha uma passa de feita para se comer.

Como o rei Tornado era o primeiro do para ele comissionou ao seu criado para descobrir o facto dos outros reis e assim eles morreram e o tesouro ficou no para ele.

E assim foi os reis Cielmo e

Remoimbo morreram graças a papa do seu criado.

Quando chegou ao fim da montanha dos segredos viu o braço, brilhante, feito de ouro, e precioso.

Quando o braço apareceu sem homem vermelho, com um pau com três cliques no cimo, e uma cauda enorme, e esse mesmo homem era a morte do Diabo.

Dissolve:

- Festei muito mau para com os outros reis.

Por isso vou levarte comigo.

- Morte. Mas isto não era um tesouro escondido.

- Sim e. Normalmente aparece um anjo e realiza um desejo.

Se que tu és tão mau que se vintu borrar para iras para o inferno.

- Não quero ir, acudam!!!

- Não vale a pena gritar com o amigo e pronto.

E assim o Diabo o rei Tornado, e assim os três reis morreram e um deles levou a panela a fazer.

21/05/08 - Daniel Tavares

O egoísmo pode...

O egoísmo pode provocar a tristeza, a ganância e até a morte.

Quando as pessoas não egoístas não querem as coisas para eles. É por isso que os fobres não têm nada e os ricos têm tudo e é por causa do egoísmo que se há guerras e não há paz.

O egoísmo não devia de existir porque assim há muito sofrimento, muitas guerras e mortes e pessoas com tudo e outras sem nada!

Bruno Miguel Gomes 10/05/08

A inveja mata

Era uma vez um rei e três filhos. O filho mais velho chama-se Afonso, o do meio Pedro e o mais novo João.

Um dia o rei morreu e assim o Afonso tornou-se rei. Era o seu sonho e o dos irmãos.

Os irmãos ficaram cheios de inveja. Então o Pedro teve uma ideia. Eles os dois tinham que matar o irmão. O Afonso ia dar uma festa, então era aí onde eles iam entrar. Punham veneno na comida dele.

Chegou o dia da festa e o Afonso morreu. Então quem lhe sucedia era o Pedro. O João não gostou nada que o irmão se torna-se rei. Por isso teve que arranjar uma maneira para o matar.

Então, à noite, quando o Pedro foi-se deitar, João estava escondido no quarto. E de repente saiu do roupeiro, e com uma espada, espetou-o no peito de Pedro. Pedro morreu, mas ninguém soube que foi o João.

Finalmente João foi rei. Passou por tanto até chegar ao passado um dia, João estava a ficar estranho. Parece que ~~lhe tinham~~ tinham dado venenos e espetado-lhe uma espada no peito. Era Deus a castigar-lhe por aquilo que ele fez aos irmãos. E morreu poucos segundos depois.

E quem ficou com o trono foi um primo dele.

Beatriz Selva Oliveira
Fonseca 5º F

3.8 – Textos elaborados a partir de “Civilização”, Eça de Queirós

Ter demais das coisas...

Tenho tudo
Não sou feliz!
Não sei porque!

Tenho jogos
Muitos deles repetidos
Mas não tenho amigos
Com quem os partilhar

Tenho jóias
Mas não tenho irmãs
Para as usarem e enfeitarem

Tenho uma mesa de dez lugares
Mas não tenho convidados
Para nela almoçarem e jantar

Se pensar melhor
tenho tudo e não tenho nada
Passa daí aos Palres
Ser amiga deles

Agora percebi
Passa ter milhões de euros
Mas a felicidade e a omi pode
Não se compram
Ganham-se com tempo e confiança

5º E Nº 12
Sofia

Mundo novo

O mundo novo
é um caminho
que se abre para um sonho eterno
um sonho que nos faz
passar por várias planetas,
mundos novos,
pessoas novas
As estrelas que nos indicam
um caminho novo
uma aventura nova
Numa casa nova descobre
algo de novo, um ar, um sensação
diferente, um mundo exquisito,
porque é novo
mas quando se abituar
deixará de ser.

Cláudia dos Antunes

Épocas diferentes

Um dia o meu Pai disse-me que eu era um sortido.

Dizia que no meu tempo havia coisas que na época dele, não havia.

Comecei a ficar curioso e então um dia perguntei-lhe?

- Pai na tua época se não havia as coisas que que tu agora o que é que fazias?

- Ahha todos os dias nós jogávamos aos berlindes e à bola.

- Sabes à bola se eu jogar mas ao mão.

Como se joga?

- Ahha nós jogávamos ao mata. É assim, há três passas e depois tentamos dar-lhes a volta atirando o berlindo para dentro delas.

É depois atiramos o berlindo aqueles que apostávamos.

É naqueles que acertávamos ficávamos com eles.

- Não jogáveis mais nada?

- Sim jogávamos. Jogávamos com cromos.

- Como se joga?

- É assim, punhamos os cromos com a cara para baixo, e depois jogávamos uma carta com a mão e tentávamos os virar, e aqueles que viram cromos já eram nossos.

- Certamente o meu tempo é melhor do que o teu.

Por exemplo, nós a jogar ao berlindo é diferente.

No meu tempo joga-se assim, há um círculo e dentro do círculo estão os berlindes apostados e depois nós de uma linha atiramos o berlindo aos outros berlindes e aqueles que atiramos para fora do círculo já são nossos.

É quanto aos cromos, no meu tempo já não são cromos, são taboas e joga-se diferente mas agora não tenho tempo para te dizer como se joga.

- Mas não é só isso que o teu tempo é melhor.

É melhor na comida, objetos, automóveis. Por exemplo play station 2, eu nem televisão a cores tinha quate mais play station 2.

- Ahha agora penso, o teu tempo é melhor numa coisa.

- No quê?

- No preço dos produtos.

- Ah é verdade, só que... o teu tempo é um mundo novo para mim.

- Pois é pai é um mundo novo.

14/05/08 Daniel

O Que é o Mundo Novo?

O que é o mundo novo?

o mundo novo é o amanhã

o mundo novo é ver coisas diferentes

o mundo novo é a nova amor

o mundo novo é a crescer de uma nova flar

o mundo novo é uma mudança na vida

O Mundo novo é...

Ter um novo pensamento

O mundo novo são as crianças

o mundo novo é a vida

Ana Margarida 5º F

Muita coisa na vida

pouca coisa no coração

Era uma vez um homem que vivia sozinho num casarão com os seus 58 criados. Tinha todo o tipo de conforto e um vasto património. Um campo de ténis, mesmo ao lado da piscina, um salão de jogos, uma discoteca, 7 quartos, 2 bares, chuveiros com sete metros de altura e cheios de reflexos, telefones para dar mensagens a todos os partes da casa, para os criados ouvirem o que ele precisava para se manter feliz. Mas ele tinha sempre o coração vazio. Não se sentia feliz, por mais riquezas que tivesse ele não tinha um sorriso na cara.

Até que um dia ele comprou uma casa no Texas, uma quinta propriamente. E foi lá passar a fim de semana. Chegou lá e reparou que tinha deixado as chaves da quinta em casa. Só tinha as chaves da cela. Com ele ia o seu criado de confiança a Harvey que lhe recomendou dormir na cama, beber a água da mangueira, abrir a mala e comer um fião com carne de porco enfiada e umas brochetas integradas.

Chegou a noite e ele adormeceu como nunca tinha adormecido em 12 anos. Voltou para casa, vendeu-a e ficou na pequena casa no Texas onde era feliz.

Civilização
Tem tudo mas não tem nada

Uma criança pensava que tinha tudo
mas na realidade não tinha nada.

Tinha computador, piscina, empregados
mas não tinha amor, amigos, consideração
pelos mais ~~pobres~~ pobres. Por vezes estes são mais ricos
do que ela porque tem tudo o que é preciso
felicidade, generosidade

Numa vida não é preciso riqueza
tecnologias, invenções, engenhosax.
porque isso não é preciso.

Está triste, só, rodeado por coisas e carinhos
que não fazem falta.

As coisas que fazem falta
tal como ~~o~~ o amor e carinho esta criança não ^{tem} ~~tem~~
Enquanto as crianças mais pobres,
aquelas que têm o indispensável
(casa, comida, roupa) estão felizes
Esta criança civilizada está triste!

Cláudia Antunes
S.F

Um mundo novo

Era uma vez um menino chamado André, esse menino fez um livro e lá "um mundo novo".

Éi logo a pergunta ao irmão: o que é um mundo novo?

Um mundo novo é quando uma coisa nova nasce.

Éi perguntar aos pais e eles disseram que não sabem.

O André não sabe a quem mais perguntar, até que se lembrou de perguntar ao seu melhor amigo, o Pedro.

Telefonou-lhe e o Pedro respondeu, já leste o livro todo?

O André respondeu que não.

Então o André foi a ler o livro e ficou a saber que um mundo novo é quando uma coisa nova nasce ou quando encontramos algo diferente.

Bruno Miguel escreveu sobre 5º F

Um mundo Novo ^M

O Mundo Novo tem coisas que nunca vimos e pode ter novas alegrias, tristezas e emoções.

Um Mundo Novo é com certeza novas pessoas e novas coisas mas não só também é quando repararmos em algo que nunca vimos. O mundo novo começa desde que Deus mandou seus filhos Criar para nos verem. O Mundo Novo até pode ser quando nascem coisas novas como por exemplo: arte, música e muitas coisas para verem isso é o Mundo Novo.

David julio

5º F

Mundo Novo...

Mundo Novo é algo diferente e uma notícia triste ou alegre,

Mundo Novo é atravessar o mar sem fim e sem parar,

Mundo Novo é ter um grande amigo que com ele se possa confiar,

Mundo Novo é jogar os escondidos

ir à praia e desadornar os sete diferenças,

Mundo Novo é uma coisa que falta ser encontrada,

Mundo Novo é a estranha pessoa que entra em nossa casa e muda a nossa vida,

Mundo Novo é mudar de vida ser rico e tornar-se por magia pobre,

Quando se fica sem o luxo e a abundância dá-se valor às coisas simples: a paisagem, os céus, os rios...

Mundo Novo não é só dividido e também perder alguém de quem se gosta muito, e começar de novo

Beatriz Salveira Oliveira Fonseca 5º F

3.9 – “Vocabulário em contexto”

Tenha cautela senhor
que os gaitos indigentes andam ai
velam-se entre as frestas
e emanam dos ruas
Parecem pessoas
porque a terra
vai estarrucendo
por ~~todo~~ toda a parte
Progam a Deus
uma vida rana
porque cada vez ha' mais indigentes,
com cabelo brinto
sem uma cara
bastava um abrigo
um alimento
Um silêncio opaco
para a indigência
acabar sobre a terra

Claudia Antunes 5^oF

Esperalhão

Um rapazinho, quando ia para a escola
olhou para uma parede feita aos blocos
que parecia que ia cair.

Ele olhou por um sulco da parede e de
repente uma voz lhe disse:

- Cautela, cautela!

- Mas porquê?

- Quem entrar terá um peridelo terrível!

- O quê? Não percebi!

- Cautela, cautela...

A voz ia-se afastando cada vez mais.
E ele sem saber o que fazer atravessou
aquela parede e foi espreitar. Emudeceu
e foi avançando.

Quando ele entrou ouviu um grito e
viu uma hinhria de um vestido e disse
para ele próprio:

- Será que uma mulher foi raptada?

E melhor continuar.

Continuou a andar. Até que viu uma
paisagem onde de árvores emanavam
flores de todas as lindas cores. E viu
um homem com o aspeto de actor de cinema.

- Senhor desculpe, mas onde estou?

- Está numa sala de cinema onde es-
tamos a gravar o filme "Desaparecida
II".

- E os gritos de mulher que ouvi?

- Era a nossa melhor actriz!

- E a voz estranha?

- Era eu quando estava a praticar o
meu papel.

Despediram-se e quando deu por isso
a companhia da escola tinha tocado!

Que esperalhão, não? Ana Margarida

5^oF

© problema

Um dia uma menina foi até ao rio que ficava perto da sua casa. Esta menina passava lá todas as suas tardes. Nessa tarde, quando chegou ao rio viu um gaiato e a sua linda da a sujar o rio e toda a reba em redor. A menina subiu à galáxia para os vigiar. Passou lá um longo bocado, aquela linda estava a estragar a Natureza. A menina foi até a uma presta onde emmanam todos os dias fadinhas e ovos muito brincalhões, a menina não sabia que o gaiato e a sua linda

também a estavam a vigiar. A menina em trou na presta e com primenteras os seus amiginhos. O gaiato e a sua linda empurraram uma pedra gigante para fechar a saída e a entrada da presta. A menina estava muito assustada, e com muita coragem tem trou empurrar a pedra com cautela, mas a pedra não se moveu nem um milimetro. Aquela presta via-se as assas das fadinhas a reluzir, era a única luz que lucava. Deu para for expansão a acontecer. A família da menina estava muito preocupada, esperavam saber novas

da menina. Timbam medo que a menina ti nesta pericudo. A menina, cheia de frio e de fome teve uma ideia. Rogou à sainha das criaturas mágicas que le empresta - se um microfone, todos emude ceram e pensaram no que a sua amiga iria fazer. A menina encostou-se à pedra e estorceu a linda que estava lá para a vigiar. A linda chamou o gaiato, que era o chefe, e disse-lhe o que aconteceu, cheios de medo fugiram tem libertar a menina. A sainha utilizou a sua magia e fez emmanar de certo da menina, umas assas

encantadoras, tendo des locar a pedra e con seguiu fazer um sulco. A menina ainda era pequena, conseguiu passar pelo sulco e deslocar a pedra. As assas desapareceram e a menina apareceu em cosa sua. A família da menina ficou muito feliz, todos abraçaram a menina e ligaram à polícia para prender a tal linda que trancou a menina na presta. A polícia já os tinha aprendido. A família da menina passaram a ver em peiz.

"Jo Laurinda"

Havia uma casa assombrada que ~~estava~~
nessa casa havia uma pessoa que
tinha cabelos emaranhados.

Essa pessoa era um mulher chamada
Laurinda.

Laurinda estava sempre desolada
e velada atrás das janelas.

Ela ficava acordada até amanhecer de
manhã e ficava sempre muda.

Eu ficava à janela a vela
desoladamente triste.

Laurinda tinha presta na sua por-
ta para o seu cão e gato entrarem
para casa.

Laurinda era muito simpática e
até rogava por uma companhia.

ASS: ~~5º F~~ 5º F

Notas - Perdi o meu amigo, não
sei onde o encontrar, podes
dar-me notícias dele?

Cautela - Tem cautela, meu ami-
go, não, não aceites, tem cautela
para não ~~perceberes~~ perceberes.

Estorrecer - Meu amigo, viu um fil-
me chamado "Estorrecer", era
tão assustador que se pôs a correr.

Minguar - Um maluco, reparou que
a lua minguar, ficou doído que
de repente até chorou.

Canleto - Era um homem tão
canleto, tão canleto, que ia a fa-
zer uma sopa e uma sobremesa,
que pôs os legumes na mause
e o chocolate na sopa.

Beatriz Silveira Oliveira Fonseca
5º F

Aquele homem quer construir uma stúlia
acim pode vigiar os ladrões.

O meu pai tem cautela para não
atropelar o passagiro.

O life está hirta porque esteve muitos
dias no figurificis.

O meu pai foi fazer uma consulta
e teve sorte, está sano!

O meu irmão bebé está a emmanar
e o meu pai está a chorar de o
ver pela primeira vez.

Bruna Ingrid Espanha Lobo 5º F

3.10 – Textos elaborados a partir de “Cantigas”, Luís Vaz de Camões

O meu lado mau

Houve um dia em que eu acordei muito triste, a profundez a negra dos meus olhos era imensa, parecia o abismo escuro.

Cada lágrima que caía dos olhos e res-
tejava pela rosta era um lado mau
do meu coração. Passava pelas ár-
vores e não via flores ou frutos, me-
nhum servia para mim. Em vez de
pássaros a cantar via carvas a gritar.

Toda a gente me parecia má, ninguém
para ajudar alguém mau como eu. A
Lua aparecia. E outras lágrimas caíam.
Meus olhos choravam má e fora mas
por dentro. Como se me tivessem
espetado o mal no coração.

Ninguém era bom ou simpático.
Eram pessoas mas, ferozes, antipáti-
cas e mentirosas. Pelo menos era
o que os meus olhos chorosos e
tristes viam. Era como se me tivessem
assambrado.

Ainda hoje espino ver pássaros
a cantar, flores e frutos me alto
das árvores, pessoas pelas ruas
a agradecer tudo o que fizham
de bom às gentes das terras, a se made
de mau me volte a encontrar.

Ana Margarida 5^oF

A tristeza do meu mar
Estava no prado a mim
apeteço-me de má e
para os meus olhos fazer
chorar mas não vou!
Agora vou-me rir
para os meus olhos ficarem
felizes.

Assim eu ficarei com um
olhar feliz agora vou
afastar a tristeza do
meu mar.

Aluno Amador

O desejo do meu olhar
Os meus olhos desejam ser um
jardim mais novo verde como uma
flor a espodar como os céus.
Os meus olhos queriam que os olhos
do meu marinho fossem azuis como
o mar e a mim me fodesse lembrar
a praia, de mãos aristocráticas e
de boas condições de vida. Os meus
olhos desejavam ser um marinho
porque me fazia companhia e me
divertia. O sonho dos meus olhos era
ser um jardim. Este desejo concretizou-se
e o jardim nasceu, ~~o~~ Como os meus olhos
fizeriam. Bianca 5^oF

6 olhos fantásticos

Estudei num dia quente
e meu olhar está contendo
te.

Pesti-me e fui sair,
até ao campo para sair.

6 meu olhar viu o rio,
as flores, os peixes a
nadar.

6 meu olhar tão contente,
a tentar ganhar alegria.

Pou nadar e brincar,
e meu olhar vai gostar.
Alhei para os peixes,
começaram a saltar.

Fiquei admirada com a
situação,

sai do rio a correr.
Como é que eu fiz
aquilo?

6 meu olhar é fantás-
tico

Marta 5^oF

Um vagabundo

Há tempos vi um vagabundo
Foi bater à porta de um senhor
Pediu-lhe comer com delicadeza divina
Perguntou-lhe se era um supermercado
com olhos que transmitiam raiva
da parte meiga do coração

Fugiu de medo, fiquei com pena
Fui ter com ele para os amigos
com olhos de maminho
Levei-o a minha casa para comer

Dei-lhe uma roupa quentinha
olhei para os seus olhos
via-se que estava feliz

Um dia na rua roubaram-me a bola

Ele ajudou-me correndo
atrás dos Bandidos

~~Contribui~~ Contribui por eu o ter ajudado

O espelho do meu coração
era a alegria dos seus olhos

Cláudia Antunes

5^oF

O que pode fazer um olho mau?

Um dia os meus colegas não me
deixaram jogar à bola e eu fiz um
olho mau e queria vingá-los deles.
Com o meu olho mau cheguei
ao fim da bola chutei-a para fora
da escola.

Eu via pelos olhos deles que ficaram
tristes, fui buscar a bola e eles
agradeceram-me, e deixaram-me
jogar. Quando acabou o jogo
deixei-lhes fazer desculpa por ter
chutado a bola para fora da
escola e agradeceu por me deixarem
jogar e por me ajudarem a ficar
com um olho bom.

Bruno Miguel Espinosa 5^oF

O olhar faz...

Vi um rapaz
com flores na mão
falta dar à namorada
que tanto a amava
Ah! Isso é que não vi
foi o meu olhar bom que imaginava.

Vi a rapariga
disse-lhe que não
ficou um vagabundo
Ah! Isso é que não ficou
foi o meu olhar mau
que me enganou
Diogo Pereira

Um olhar

Éra uma vez um casal de
jovens que namoravam.
Um dia o rapaz encontrou uma
rapariga linda, a sua pele era
branca, os seus cabelos
loiros como uma estrela brilhante
e os seus olhos verdes
como o limão, quando se olharam
com os olhos cara a cara os
olhos de ambos brilharam, a
rapariga só pelo olhar do
rapaz viu logo que ele
gostava dela e ela dele.
Mas o problema era que
ele tinha namorada.

Quando no outro dia ele
encontrou a namorada disse-lhe
que já não gostava dela
como antes.

E no olhar dela o rapaz
viu que lhe tinha-lhe
partido o coração.

A. Gomes

3.11 - Textos elaborados a partir de “Isto”, Fernando Pessoa

Os mentiras e os poetas

Quando vejo uma paisagem penso nela como se fosse um tema porque quando escrevo não interessa o nome do tema mas sim o que escrevermos sobre ele.

A paisagem que bonita ela é parece uma imagem do outro mundo, um sonho que embeleza o real.

O poeta pode-se inspirar na marinha? Não tudo o que escrevo não é marinho, é imaginação eu não quero saber se as pessoas acreditam ou não Mas digam-me, a imaginação deslumbra o tesouro do poeta.

Eu não sei o que escrevo só sei que faço poesia.

As vezes também fingo.

Porque, eu estou feliz tenho o coração ligeiro. Um Amoroso

O que me dá escrever um poema?

Diogo Miguel TAVARES

O que me dá escrever um poema?

Pergunta simples.

Mas que me faz pensar.

Com eles sinto uma mistura de sentimentos e emoções!

Com eles aprendo, sonho e desço. Dão-me alegria e sabedoria!

Desde o primeiro poema até ao mais recente todos eles com uma história para contar. e muito para ensinar

E, acima de tudo Não é preciso viajar basta pensar e sonhar Eles dão-me liberdade de imaginar

O livro

Os livros fazem - nos sentir bem.



Os livros fazem - nos imaginarmos que nasce a partir do nosso coração e é um sentimento tão grande que nos dá vontade de escrever.

Os livros fazem - nos lembrar.

Os livros fazem - nos conhecer palavras novas.

Os livros fazem - nos lembrar num sonho profundo.

Os livros fazem - nos imaginar coisas que ainda não foram escritas.

É assim que pensamos um livro.

Kim!!!

Uma imaginação fértil...

Escrever é uma coisa que me faz pensar em coisas que não consigo dizer quando estou chateado.

Eu gosto de pensar em coisas alegres quando estou a escrever um livro, sou simpático e às vezes estou a contar coisas aos meus colegas que nem digo aos meus pais.

Escrever um livro dá-me fome, fome de letras dá-me sede, sede de tinta.

Quando começo a escrever num livro não consigo parar, quando estou a escrever uma frase já estou a pensar na que vou escrever seguinte.

O meu cérebro dá-me ideias que já registou antes, numa gaveta importante que me vai dar jeito um dia.

Gosto de escrever sejam aventuras, perseguições, policiais/fantasia ou até de luta.

Escrever um livro é uma coisa fascinante.

2/4/08 - Daniell

Eu escrevo com a minha imaginação exercendo a lei com prazer. Letras redondinhas e mais do que ^{as} outras grossas, finas, grandes ou pequenas.

Só com umas palavras faço uma linha inteira de lá. Parece um molho de letras, com sentimentos e imaginação.

Começo a pensar que é que inventou as palavras só uma pessoa que era bem esperta!

Leio livros, leio poemas

e começo a imaginar

o meu texto com aquele tema.

Só que são palavras ou outra coisa que me quem ler que descubra!

Quando a folha está branca começo a escrever só umas palavras dum instante o meu pensamento de muitas ideias.

E logo enchi a folha toda.

ASSI: ~~Amos~~ 5=F

Um livro existe sem leitores?

Sem leitores os livros não são lidos. Os autores assim não fariam tanto tempo. Por exemplo se nós não tivéssemos estação meteorológica.

Só o autor é o coração de cada livro e se não tivesse autores os livros também moririam.

Sicando 5=F

Manuel e o Livro

O Manuel era um rapaz esperto, feliz e bem disposto. Ele adorava ler... Se ele pudesse ler, num dia, todos os livros que houvesse para ler.

Um dia ele foi à biblioteca da escola e viu um livro fora do vulgar... O Livro tinha a capa de várias cores. Tinha todas as cores do arquivis. Parecia que o livro chamava da estante, com uma vozinha fina um pouco esganada.

- Este rapaz! Presumo que és daqueles que adora ler, não é?

- Sim eu adoro ler, aliás eu amo os contos de todos os livros mais bonitos e bem escritos deste mundo.

- Mas eu sou um livro especial, leva-me para uma mesa e começa a ler-me. O Manuel levou aquele livro até à mesa mais próxima. Abriu o livro e as páginas estavam todas em branco.

- Livro que vem a ser isto as páginas estão todas em branco!

- Manuel, pensa na coisa mais feliz do mais mais feliz do mundo e depois

olha outra vez para a primeira página. O Manuel viu as letras a aparecer.

Todas as letras vieram da imaginação dele... Sempre que podia, Manuel falava com aquele livro fantástico...

Ana Parganda 5º F

O Leitor é uma pessoa que gosta de ler vários livros, podem ser de aventura ou outros.

Os sentimentos que um livro provoca podem ser: chatear, corajem e intimidação.

Um livro dá-nos sabedoria e informações que não se ouvem em todo o lado.

Está leve um livro é contar uma coisa que nos aconteceu ou uma coisa inventada.

Se ninguém lesse os livros não valia a pena matar árvores.

Patrícia Alves 5º F

Miguel Costa 5º E

Ser é conhecer o conteúdo do livro,
ler é conhecer alguém que não conhecemos

Ser é conhecer o mundo das fantasias,
ler é viajar num tapete mágico.

Ser é conhecer a imaginação dos outros;
ler é como viver o que se está escrito.

ler é esquecer a nossa imaginação,
ler é como pensar como seria se fosse realidade.

Ser é viajar
ler é sentir a felicidade que o livro nos traz.

voam palavras, frases.
e se aparecem no papel,
sem eu dar por isso.

No papel as letras dançam,
dando as mãos formam
palavras.

Dentro da minha cabeça,
formam-se frases.
e se aparecem melhores,
com a ajuda da imaginação

Quando me sinto satisfeito,
exultar, dançar sem corda.
E sem escrever e falar,
coisas boas para imaginar.
E sem escrever sobre amor,
eu gosto de escrever.

Marta 5^o F

Um livro dá-me conhecimentos e
emoções e também dá muitas alegrias aos
meus corações. Os livros são bonitos, e
um leitor é quem os lê muito rápido,
os leitores têm curiosidade do que vão
ler e aprender. Cada autor tem uma história,
como a sua vida é como uma planta
que nasce do coração. Todos os livros
dão-me belos sentimentos como alegria,
raiva mas os livros também nos trazem
o terror, alguns livros tem tanta
doçura que parece, que cai uma gota
do coração. Um livro me ensina sem aulas
e lições, a autora é que os escreve com
as próprias emoções e o leitor é quem
lê os livros que os autores escrevem e
às vezes também consegue sentir as
emoções do autor.

5^o + Daniel Jelic

Quando escrevo...

Eu quando escrevo vou buscar as ideias
a coisas que já vivi ou que sinto.
Eu quando estou feliz escrevo coisas
felizes e quando estou triste escrevo
coisas tristes.

Eu quando escrevo não uso o coração
uso a imaginação.

De muitas eu seleciono as melhores
e sorrio sem muitas formalidades.

Bruno Miguel Gonçalves Lobo 5^o F

Os livros dão:

Histórias e contos.

Personagens engraçadas.

Aventura de ler.

Histórias de aprender.

Monte de escrever.

Conhecimento nacional.

Emoções.

Romances, terror, comédia e ação.

Uma enorme quantidade de letras.

Sobrinho para dormir comigo.

O capellum vermelho para me levar
roupa quando estiver doente.

Personagens legais para sonhar comigo.

Letras para começar a escrever melhor.

Labedera para eu saber tudo quando
tiver um teste.

Muitas coisas incluindo o amigão.

Muno Amaral

Os livros podem dar para chorar, rir,
assustar e alegrar.

O livro dá-nos muitas histórias para ler
ou para conhecer.

Escrever um livro é imaginar e ~~escrever~~
ver num papel.

Um livro é um monte de histórias todas
juntinhas umas às outras.

Diogo Pereira

Um livro é uma página cheia de
Histórias às cores

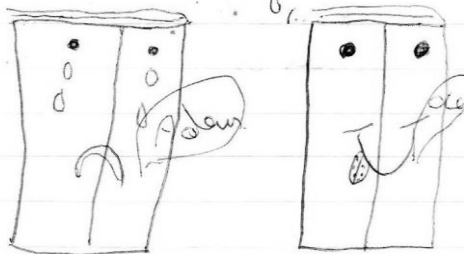
O ilustrador faz imagens bonitas
O escritor escreve coisas imaginativas.
e a editora edita.

Um livro para uma criança
é uma capa cheia de folhas.

Com imagens e letras gordas.
Tem muitos capítulos que nunca acaba.

Um livro é tipo um dia de

Um livro quando anda com osco sorri
É como uma pessoa quando a abandonamos
Chora de tristeza
de separação de falta de amizade.



Andreia Mendes

Coque e um livro

Um livro

É um amigo

quando se começa a escrever
(~~Escrever~~)

Um livro

É um pedaço de uma árvore

Mas depois de escrevermos nele
Parece um pedaço de nós

Um livro

Não serve só para ler

serve para aprender, chorar

Pier e os rezes de Amar e Brincar

Um livro

É uma estrela

No céu

Um livro

É um peixe

No mar

Um livro

É chuva

Em Abril

Um livro

É o sal

No Verão

Um livro

É um caranguejo

Na Areia

o que nos fazem os livros?

os livros fazem que as pessoas aprendam coisas e principalmente para as crianças.

Também nos transmitem deveres e direitos que todas as pessoas e crianças devem ter, os lugares que devemos ter no dia-a-dia e notícias que acontecem no mundo inteiro.

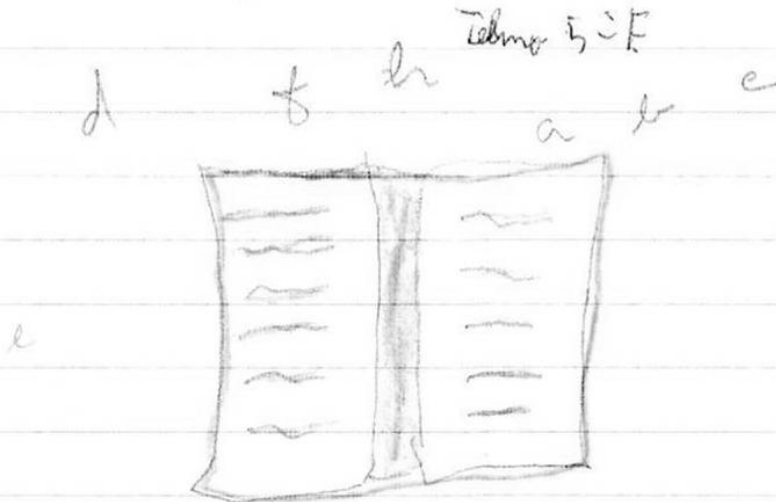
O livro é uma coisa boa para a vida.

O livro é uma coisa que quando a abrimos numa página é tanta a fantasia que aparece que as letras andam e voam e transformam as imagens.

Folhas finas e folhas grossas têm toda a fantasia que merecem e que precisam.

-As pessoas também têm um livro dentro delas e que ficam lá noite quando vamos dormir.

É o livro que tem toda a criatividade do que fazemos.



3.12 – Textos elaborados a partir de “Ode Triunfal”, Álvaro de Campos

A Pen

Encarrega na entrada USB do computador
• Cak, clak!

Eco tão cheia

Tanta memória que eu tenho

Tanta coisa que eu guardo.

Uso toda música e muito alta

Tum, Tum, Tum, Tum, Tum, Tum,

Ai que do de cabeça.

Ando de mão em mão

O meu dono enche-me de vídeos

Enche-me dos meus amigos

Ando de computador em computador

Porque eles sabem o que eu tenho, dentro de mim.

Tenho a cara simpática

É o meu corpo é azul escuro

Eu entro no computador.

Tenho 39068 de memória.

Conheço muito mais coisas - me de tudo

Tenho a maior memória do mundo.

Costo: "Não me deixam sair."

"Tenho tanta memória."

"É não quero que me a tenham!"

Estou cansado! Nunca mais volto a andar de
computador em computador.

Diogo Pessoa 94F

A pizza

Pizza tão boa,
Pizza tão estaladiça,
Pizza tão cheia de condimento,
Pizza a esculpir Tch - Tch - Tch!
Pizza tão saborosa!!!

Vou fazer uma pizza.

Com cogumelos,

Com queijo,

Com Escabele

Com carne frita

Será que me estou a esquecer de
alguma coisa?

E as aperturas?

↳ Ketchup?

E a pimenta?

↳ milha?

↳ algaes?

Como tenho os ingredientes?

Tenho de fazer a base.

Com farinha

Com água

Com sal

Com óleo.

Tanto ingrediente, tanto trabalho.

Sabemos que vou fazer?

Acho que vou comprar uma!!!

mº6/5ºE | Bruno Nunes

O som do Spray

Pss, Pss, Pss

É o som das cobras
As cobras são verdes
Como a tinta da lata verde
que faz Pzzz...

Uma vez ouvi pzzz...
pensei que era uma cobra
monstrei-me numa árvore
e vi, era uma cobra.
Mas não era real,
era pintada,
por um... spray que fazia pzzz...

O som daquele spray,
parecia uma cobra
cobras que rastejam
numa parede.

Uma professora
mandou-me colorir e fez peluuu peluuu...
Depois no intervalo
vi umas latas de spray
e faziam pzzz...

Naquele dia só estava a ouvir coisa a fazer pzzz
pzzz... pzzz...

A noite peguei numa
coca-cola e abanei
depois quando fui
abrir ela fez pzzz...

21/4/08

Daniel

Uma vez
liguei a televisão
e ela fez pzzz...
não pôde usar televisão
adorava no sofá...
sss... sss... sss...



Sons

Deitei-me a dormir
Entreie num novo mundo
Onde tudo me parecia estranho

As pessoas eram golfinhos
Eu então fiz-me a pensar
Será que o mundo estava cheio de
ferras para o ar?

Fui à agência da minha irmã
Vi que as modelos eram golfinhos
Eram muito fotogénicas
flash, flash, flash.

Vi estava cheio de ouvir aquele som
As jornalistas não paravam de as
fotografar.

De repente acordei
caí do sofá
jam! fui logo à cozinha.
Ver a minha irmã e a mãe
Felizmente não eram golfinhos.

Depois vi
que todo isto
simbra rido um
sonho direitido
com os animais
mais gijos do mar.

Ricardo 50 F

"Do hambuqueir que me fôz doente"


Grrr, grrr, grrr
era a minha barriga
a dar horas.

Foi ao Mederal's
comi uma hambuqueir
mal eu sabia
que me ia fôr doente.

Fiquei com dor de cabeça
O minha mãe mediu-me
a temperatura li, fi, fi era a temperatura a subir
→ dei a minha barriguinha

La deão - me um chá.
- deão ainda me dei a barriga!

La eu a fazer os trabalhos de casa
Quando ouço um som,
- Grrr, grrr, grrr
era outra vez a minha barriga a dar
horas!

ASSI:  5 = F

O cato negro e o cato branco

O cato branco
fêla casa a maguar
Encontrou o cato negro
juntaram-se e começaram a rugar

Mas os outros cato branco
Sempre a sussurrar
gozaram o pequeno cato negro
mandaram - ora sempre passear

O cato negro sempre triste e solitário
Nô sabia, e que fazer
chegou lá o amigo branco
E deu-lhe uma ideia a valer

Derabiu os cato branco
Numa corrida de rugidade
Quem rugisse mais
tinha toda a claudade

Enquanto corriam
Viram o hummo a limpar
Era o som da aspirador
viiiiiu! viiiiiu! e começaram a gritar
O cato negro quando os foi rugar
alhou para eles todos e viu uma coisa inesperada
Estavam todos rugos
E deitaram todos uma risada

Ficaram todos amigos
E estavam sempre a rugar
Mas ninguém se gozou
Nesse dia xou os curia cantar

Ana Margarida
5º F

Hi 5

Sento-me à frente da secretária
Ligo o meu computador
Sons de tecnologia suça
Espero que ligue
Tic, tic, tic, tic...

Vou à net
enquanto ali penso:
"Onde iréi? Em que rede entrarei?"
A net abriu
A minha cabeça pensava
Os miolos pensaram e cheguei
a uma conclusão

Entre no Hi 5
comentários às fotos
"fines" a chegar
mensagens para ali
87 amigos a escrever comentários
o baulho não parava
tic, tic, tic tac

O computador diz
Bem vindo
Tlim!!!

"Tem mais a pedidos de amizade
Enviam, entregam, respondem
Mentem quando
Até que chega um fine e uma mensagem
A mensagem dizia:
"Hi 5!... Download!
Não sei de quem é!
Dah!

No Hi 5 menti-se
Cu melhor na net menti-se
Sobre a idade e mais
Até que aparece uma frase

"Esperamos que tenha gostado
Desliga-se o computador
E eu finto de ouvir os barulhos
irritantes da net.
comi e deixei o Hi 5 ali a olhar
Voltavam mensagens e eu sem os ali...
Coração sem sons
só a bela som da minha bela casa.

Amã
Margareta

O que eu sinto

Tenho muitos ardores
dentro do meu coração...
sinto -o a fazer barulhos

por, bem, tech

Para que vai explodir
para dizer coisas que eu sinto
tento sem parar
não sei se ~~comigo~~
se não aguentar
vai ser uma explosão total
a cratera furou
está tudo submerso de ~~uma~~ ^{uma} ~~sem~~ ^{sem} fim
Vejo coisas que me fazem sentir coisas
que me fazem esquecer de sentir
maus tratos, violência doméstica
escravidão fazem-me sentir assim
Mal, triste e sozinho
Se um dia isto acabar
O mundo vai ser muito melhor.

Claudia Antunes
5ª F

A vida de uma viola.

Estava eu sentada no sofá
quando pegaram em mim
Ouvi um barulho dum, dum, dum
eram umas mãos limpas, molhadas e cansadas.
Continuava a ouvir uma bela melodia
dum, dum, dum fiquei encantada.
Desde esse dia só queria ouvir música.
O meu dono tornou-se um dos melhores
guitarristas
Um dia ~~veio~~ a minha família e disse:
"O que queres filho? Queres - nos ou a ela?"
Eu escolhi a minha família mas nunca
mais me esqueci da música.

Bruno Miguel escreve sobre 5ª F

A história de um clip

Era uma vez um clip, que vivia com mais noventa clips dentro de uma caixinha.

Havia um velho clip que contava os seus histórias, contava como era o mundo lá fora. Ele dizia que o mundo lá fora é fascinante, colorido e também um pouco perigoso, por causa dos gigantes.

Um dia a caixinha abriu-se, veio uma mão gigante a querer tirar um daqueles clips. E aquele gigante tirou aquele clip.

Era um clip vulgar, tal e qual como os outros. Mas o gigante escolheu aquele. Meteu-o num livro de Matemática.

O clip olhou à sua volta. Só viu números, letras troças. Tudo muito esquecido para ele.

Ele perguntava a si mesmo, como é que os gigantes conseguem

com entender aquilo.

As fun de vários dias o clip começou a perceber, que aquele gigante só olha o livro nas aulas e não estuda.

Naquele dia sem ele cresceu no livro.

Estava ali no chão a ser pisado por muitos daqueles gigantes, sem ninguém o ver.

Mas uma rapariga olhou para ele e apanhou-o do chão. Levou-o para casa e meteu-o num livro.

Num livro de Matemática também.

Mas esta rapariga era diferente, olha o livro todos os dias. Tanto nas aulas, como em casa. Esta rapariga dava-lhe mais atenção.

Sorriso para ele todos os dias. Era estudiosa, bonita, feliz...

Foi assim que este clip, começou a conhecer o mundo fora daquela caixa. Porque ele não ficou só com aquela rapariga. Durante muitos anos, viu por tantos sítios e livros que lhe perdeu a conta e também foi aprendendo coisas, como por exemplo: matemática...

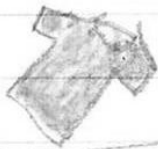
Beatriz Sanches Oliveira Fonseca
5º F

o fato de ter um

Eu sou o fato de ter um
mas não gosto de o ser
tratam-me muito mal.
Nem vocês sabem como é.

Muitas vezes há pessoas
Com falta de higiene
Distúrbio para o chão
Lá vou eu para a máquina de lavar, ~~lavar~~, ~~lavar~~
Eu fico todo triste
Raiz as pessoas deveriam ter cuidado
Não sei o que é ser respeitado
Fazem de mim um trapo
velho e feio.
Estava de ter ~~castigo~~
Muito afeto e amor

Sou um fato de ter um.
Vou pensar e sonhar com melhores dias.
Título 5 - E



Original cost

A borracha

50 €

Eu tenho uma borracha,
ela apaga a imaginação de qualquer pessoa,
ela apaga a minha cabeça,
ela apaga o meu coração.

A borracha é a pior inimiga do lápis,
ela apaga,
o melhor amigo do lápis é o papel,

a borracha começa a ~~trabalhar~~ trabalhar e faz:
ssssssss, apaga tudo.

Quando a borracha já está toda gasta,
comparamos outra e faz o mesmo que a minha antiga
borracha.

3.13 – Textos de produção voluntária

Os livros e os leitores

Ler é escutar o que os pássaros cantam
O livro é uma árvore que ensina
Os seus frutos são: as folhas, nomes e
pássaros

São todos os que lá habitam
Escrever um livro é construir
um porquê

Para os crianças poderem desfrutar
da sua fantasia e imaginação

Um livro daí tudo o que nós quisermos

É uma caixinha de surpresas
Pegamos numa caixa e lá dentro
temos uma surpresa fantástica.
Depois pegamos no livro, que até faz
estranhecer

Por isso pega mesmo qualquer
nós interessa o tamanho, o título,
o autor, se interessa a surpresa
que te espera

Um livro não existe sem leitores

Um livro sem leitores não é nada
Deixa de ser um livro

Os livros foram feitos para se ler
Não para estarem numa estante

cheio de pó e teias de aranha
Se os leitores não lerem os
livros

O que aconteceria?

O mundo secreto desapareceria

O mundo da magia, já não
teria magia

Os pequenos seres desses mundos

já não tinham quem fascinava

E por isso, que os livros se
chamam "leitores", porque os li-
tores lêem os livros

Lê um livro.

Conta-nos como foi, qual a surpresa
ou o ser do outro mundo que lá
encontraste...

Beatriz Silveira Oliveira
Fonseca 5.º F

6 Natal

Este Natal está frio
vamos aquecer a nossa alma
para ~~que~~ escrever este poema

Há frio mas a minha alma ~~(não) (está) (aqui)~~
não para de aquecer

quando escrevo poemas
a minha alma liberta-se

como um pássaro
quando aprende a voar

Claudia Antunes

6 Silêncio

5.º F

Um silêncio dentro de mim
é um lugar vazio no meu coração.
rindo a falta de uma amiga, de um familiar
de um casinho ^{dentro de mim} ~~no meu~~

Agora que já encontrei
um amigo de verdade
o silêncio acabou.
e a alegria começou.

Claudia Antunes

5.º F

LER

SENTIR as vogais
a passar no
meu coração.

LER

VISITAR outro mundo
onde não se consegue
chegar nem por foguetões
mas apenas por uma simples
leitura.

LER

NÃO TEM significado
mas tem compreensão
compreendemos a alma
do autor.

LER

CONSEGUIR entender e compreender
o sonho de outra pessoa.

LER

É o autor que nos
fazemos o cada palavra
que lêmos. Aluno Amarel

O rapaz vaidoso

Era um rapaz
leuro e bonitão
vestia cada camisola
e arranjara sempre os sapatos

Foi à escola engatar
convinco que a Margarida dele ia gostar

Então passou o pente
E com ela foi falar
Ela rejeitou-o e ele começou a chorar
Chegou lá a Joana
E com ele foi falar
Levou-o à casa

E ele parou de se queixar

Ana Margarida 5º F

Adivinha

Seu feita de metal
Adivinha com é frateada
Se me tocar deixo-me toda
Não faço nada sou como uma pena
cheira a ferrugem
E tu não me queres por tua boca

Ana Margarida 5º F

Maria
Sofia

Vida interminável

A vida é interminável,
É grande como o mar,
Mas às vezes dá voltinhas,
Que não a podemos guiar.

A vida é interminável
Nunca dá para a explicar,
Se não a consegués controlar,
É o mesmo que não a sabes guiar!

Por ficar que a vida esteja,
não te podes culpar
Segue em frente e não deixes
as más memórias à levar

Ana Margarida 5^ºF

Se eu fosse um astronauta
visitava muitos planetas,
já à lua e trazia uma pedrinha
dava à minha mãe

Se estivesse que ficava feliz.
Se eu fosse um astronauta
visitava muitos planetas
já a Saturno e trazia um anel
para a minha mãe e
ficava feliz, feliz e contente
feliz consigo e feliz com toda
a gente.

Bruno Miguel Espurinha 5^ºF

Se eu fosse bióloga tratava dos animais
animais, animalinhos do meu coração
Coração grande para os animais tratar
tratar do animal e o meu dever
corais e descobri-los, é a minha ~~profissão~~ profissão
descobrir os mais estranhos
e transmitir na televisão
para as pessoas ficarem admiradas
Todos juntos vamos conseguir
No fundo do mar, nas altas das montanhas,
nas desertos e nas planícies
"Vamos lá trabalhar"
descobrir as amêijoas no fundo do mar
os camelos nas desertos
as chitas nas planícies
as cabras nas montanhas

Claudia Antunes 5^ºF

Se eu fosse...

Se eu fosse a cor azul,
pintava os longos mares
e os enormes oceanos
pintava o céu enorme
de cor azul-clara, no verão.

Se eu fosse as cores do arco-íris,
coloria os fatos engraçados dos palhaços,
os desenhos das crianças, com muita fantasia
e em fim coloria o resto da nossa vida,
com muitas cores vivas e alegres.

Beatriz Silveira Oliveira Fonseca
5^ºF

O Natal é brincar
na neve, e fazer um
giro e grande boneco-
de-Neve brincalhão

O Natal é amar,
brincar com aquelas
coisas pequenas
brincos que caem do céu

O Natal é ver aquela
caixa grossa e redonda
a cair pela lareira e queimar
o rabo vermelho

O Natal é cheirar aquela comida,
comida quente e saborosa
comela é ainda melhor

E com isto tudo é Natal,
Natal, Natal dizem os sinos
atocar

5^o E N^o 17

Sofia

O Natal

- O Natal é luz.
- O Natal é Deus.
- O Natal é alegria.
- O Natal é o bem estar das pessoas.
- O Natal é a família reunida.
- O Natal é Jesus.
- O Natal é graça.
- O Natal é grande acontecimento.
- O Natal é uma aventura.
- O Natal é cheio de coisas boas.
- O Natal é tudo para mim!

Bruno Nery/5/1/06

A manifestação das mochilas

Vamos fazer uma manifestação
por causa da maneira como os
humanos nos tratam.

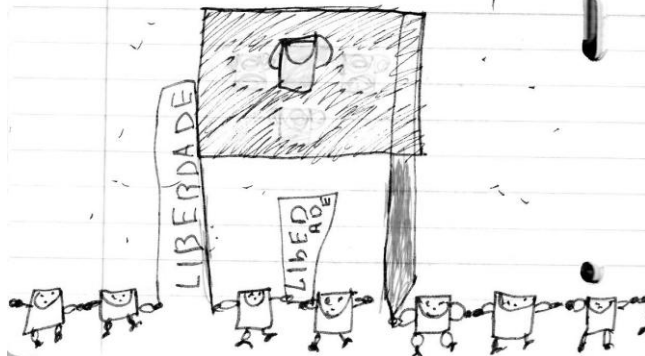
É na escola
aos pentafés
É em casa
A hamos à porta
e diroão - mas não o dião

É nas aulas
quando nos põem
no chão e ficamos
todas sujas

É quando vão brincar
e não nos dão atenção
É na máquina de lavar
que andamos as voltas e ficamos Tantas
É na corda de secar
quando nos abrem
a boca e nós não queremos
É quando vão dar um passeio
e não nos levam

É quando nos enfiam
diversos para dentro
do estomago e não
nos apetece comer

! Queremos
Liberdade!



3.14 – Gravação da cantiga: “Ai flores, ai flores do verde pino” (D. Dinis)